



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

UMA ANÁLISE DAS FORMAS DE (DES)CORTESIA NA FALA DO INTERIOR
PAULISTA (JOANÓPOLIS)

ELAINE VIEIRA DE ABREU

Rio de Janeiro

2019

ELAINE VIEIRA DE ABREU

UMA ANÁLISE DAS FORMAS DE (DES)CORTESIA NA FALA DO INTERIOR
PAULISTA (JOANÓPOLIS)

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Letras na habilitação
Português/Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Mateo Ruiz

Rio de Janeiro
2019

Abreu, Elaine Vieira de.

Uma análise das formas de (des)cortesia na fala do interior paulista (Joanópolis)/Elaine Vieira de Abreu – 2019. 79f.

Orientador: Miguel Mateo Ruiz.

Monografia (graduação em Letras, habilitação Português-Espanhol)
-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes,
Faculdade de Letras

**1. Linguagem 2. Pragmática 3. Cortesia verbal 3. I – Vieira/ Elaine
II – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras,
2019 III – Título**

AGRADECIMENTOS

Á Deus, em primeiro lugar, pela oportunidade de viver essa experiência da graduação, por me capacitar para que eu pudesse ir além dos meus limites.

Aos meus pais por serem meu exemplo de perseverança. Também agradeço por me darem bons ensinamentos, apoio e o suporte que eu preciso nessa caminhada chamada vida.

Ao meu companheiro Thomas Felipe por todo amor, alegria e cuidado que me fortaleceram e tornaram a caminhada mais leve.

Ao meu professor e orientador Miguel Mateo Ruiz pela paciência, por estar sempre disponível para me ajudar e por ter me apresentado o tema Cortesia verbal.

RESUMO

O que é a linguagem é uma das questões que se discute desde a antiguidade. Entende-se que a linguagem é uma necessidade biológica do ser humano. Por tanto, sem a linguagem, não haveria como se comunicar, tão pouco, construir relações sociais. Entendendo a relevância da linguagem para a vida em sociedade, observou-se, em estudos de natureza sociopragmática, que a forma como os atores sociais manejavam a palavra estava atrelado não apenas ao contexto de uso, mas também a intencionalidade. Nesse sentido, a cortesia verbal, que é um fenômeno relativamente recente, trata de mostrar as manifestações linguísticas que se usa para atender as expectativas dos participantes da comunicação. A partir dessa ideia, o presente trabalho se dedica apresentar e analisar quais formas de (des)cortesia encontram-se na fala dos informantes da cidade de Joanópolis com a finalidade de verificar o quanto eles se mostram corteses ou descorteses em contexto interacional.

Palavras-chave: Linguagem, Sociopragmática, (Des)cortesia verbal.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1. Conversa sobre política	15
Imagem 2. Mitigação.....	26
Imagem 3. Cortesia nominal.....	29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Atos ilocucionários.....	17
Tabela 2. As máximas conversacionais.....	19
Tabela 3. Termos de tratamento.....	28
Tabela 4. Tipos de imagem.....	30
Tabela 5. Dados dos informantes.....	33
Tabela 6. Informantes adultos.....	35
Tabela 7. Informantes jovens.....	36
Tabela 8. Informantes crianças.....	37

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Estratégias de cortesia.....	38
Gráfico 2. Formas nominais.....	39

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. A linguagem humana.....	10
2.1 A linguagem segundo Saussure.....	10
2.1.1 A linguagem no período clássico.....	11
2.1.2 A linguagem segundo Chomsky.....	13
2.2 Pragmática linguística.....	14
2.2.1 A teoria dos atos de fala segundo Austin.....	16
2.2.2 A teoria das implicaturas de Grice.....	18
2.2.3 As noções de frames para a construção do significado.....	20
3. Cortesia Verbal: O fenômeno da interação social.....	21
3.1. Cortesia: O que é e como é entendida.....	22
3.2. A cortesia como estratégia discursiva.....	24
3.2.1 Contrato conversacional.....	24
3.2.2 O uso da mitigação.....	25
3.2.3 O uso do atenuador.....	26
3.2.4 O uso das formas nominais.....	27
3.3 A questão da imagem pública.....	30
4. Metodologia.....	31
5. Apresentação e análise dos dados.....	37
5.1 Quantificação das formas de cortesia.....	37
5.2 Estratégias discursivas de (des)cortesia.....	38
5.2.1 Formas nominais.....	38
5.2.2 Formas atenuadoras.....	41
5.2.3 Formas mitigadoras.....	42

5.2.4 Formas intensificadoras.....	43
5.2.5 Formas verbais e pronominais.....	45
6. Conclusão.....	47
7. Bibliografia.....	48
8. Anexo.....	51

1. Introdução

A ideia da criação do presente trabalho surgiu no segundo semestre de 2017 após a realização de um trabalho sobre as formas de cortesia verbal na variedade do espanhol da Argentina, para o curso de espanhol VI da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ministrado pelo professor doutor Miguel Mateo Ruiz. Nesse trabalho sobre o espanhol da Argentina, ao analisar algumas formas de tratamento usadas por falantes nativos, pertencentes à mesma comunidade de fala, conseguimos perceber que a escolha por determinados usos linguísticos não é feita de forma aleatória. Pelo contrário, há regras bem formadas que condicionam o uso de pronomes, verbos e nomes no momento da interação. Entendemos que essas regras estão ligadas a uma consciência de identidade social. Isto é, o falante se vê como participante de uma comunidade de fala que se difere das demais. Isso, por exemplo, é o que faz um argentino optar pelo uso do pronome *vos* e entendê-lo como marca exclusiva da fala argentina.

Entendemos também, a partir desse trabalho citado anteriormente, que a cultura molda a língua, que ambas são indissociáveis. Partindo, então, dessa união entre língua e sociedade, decidimos continuar nos aventurando com a cortesia verbal, só que dessa vez no âmbito da língua portuguesa. O passo inicial do presente trabalho foi à escolha do dialeto do interior paulista da cidade de Joanópolis. A capital do Lobisomem, como é conhecida, foi fundada em 1895 e está localizada na Serra da Mantiqueira, na região de Bragança Paulista e faz divisa com o estado de Minas Gerais. De acordo com o censo demográfico realizado em 2018 pelo IBGE, a população estimada dessa cidade é de 13.098 pessoas.

A escolha pelo dialeto do interior de São Paulo foi motivada, primeiramente, por um contato pessoal com os indivíduos dessa região. Através desse contato, conseguimos observar algumas formas de tratamento muito interessantes e relevantes para este trabalho. Também vimos uma oportunidade de contribuir para a ampliação dos estudos de natureza sociopragmática. O segundo passo que seguimos foi uma pesquisa de campo. Através da pesquisa de campo, conseguimos realizar gravações de fala espontânea com o intuito de saber o quanto os falantes paulistas da cidade de Joanópolis se mostram corteses ou descorteses em momento de interação.

É evidente, desse modo, que a interação é um ponto imprescindível para este estudo. Por meio da relação comunicativa, mediada pela linguagem, que podemos conhecer os fenômenos linguísticos como a cortesia verbal. Para a apresentação desse fenômeno mediado pela linguagem, dividiremos o trabalho em: Linguagem humana, para entender o que é essa faculdade complexa e como ela é concebida pelas teorias linguísticas; Pragmática linguística, para entendermos como os falantes constroem o significado, dependendo do uso contextual; Cortesia verbal, para entendermos o que é e como se manifesta em contexto de interação social. Seguidamente, nos atentaremos à apresentação e análise dos dados coletados.

A seguir um breve panorama sobre a linguagem humana.

2. A linguagem humana

Frequentemente nos deparamos com a seguinte pergunta: o que é a linguagem? Se buscarmos pelo seu significado, veremos que cada um a concebe de uma forma. Para uns, a linguagem é “uma estrutura de signos organizados num sistema que pode ser compreendido segundo sua lógica interna” (LAGARES, 2018 p. 16). Já para outros, é a capacidade de se comunicar. Ainda, na tentativa de defini-la, podemos tornar esse significado mais específico, como o fez José Luiz Fiorin, professor doutor da USP. O linguista postula que o ato de comunicar não deve ser pensado unilateralmente, mas deve ser entendido como “um jogo em que um parceiro da comunicação age sobre o outro” (FIORIN, 2013, p. 19).

2.1 A linguagem segundo Saussure

A realidade plástica e complexa da linguagem acarretou em diversos estudos científicos iniciados pela Linguística, termo que se originou com Ferdinand de Saussure após a publicação póstuma de sua obra *Curso de linguística geral* em 1916. Segundo Martinet (1972), um estudo científico deve ser entendido como um estudo que se baseia “na observação dos fatos e se abstém de propor qualquer escolha entre tais fatos” (1972, p.3). Se entendermos, desse modo, que os estudos acerca da linguagem são estudos científicos,

podemos dizer que a linguagem deve ser analisada do ponto de vista descritivo, como propõe a Linguística.

Um dos primeiros estudos científicos descritivistas sobre o funcionamento da linguagem pertence à corrente estruturalista, de Saussure. Nesse estudo, a língua é analisada de uma perspectiva estática, ao contrário do dinamismo muito presente nos anos 80, como aponta a autora Paixão de Sousa em seu trabalho sobre a Linguística histórica. O corte saussuriano se dá como uma tentativa de evitar que os estudos sobre as línguas se tornem um “aglomerado confuso de coisas heteróclitas” (SAUSSURE, 1916, p. 16).

Desse modo, ao observar a linguagem humana, Saussure a biparte em sincrônica e diacrônica. Porém, se abstém da dimensão diacrônica porque, para o autor, ela não é sistêmica. Além dessa dicotomia, o autor faz a distinção entre a linguagem do ponto de vista social, a fala (*parole*) e o individual, a língua (*langue*). Se por um lado, a *parole* é heterogênea, instável, variável, por outro, a *langue* é abstrata, homogênea, sistêmica. Mesmo que o ponto de interesse do linguista suíço seja a *langue*, o autor não descarta a *parole*, pois aponta que elas são dependentes, isto é, uma não existe sem a outra (SAUSSURE, 1916, p.16).

2.1.1 A linguagem no período clássico

Embora, Saussure tenha inaugurado à Linguística com os estudos científicos, os estudos acerca da linguagem são bem anteriores a esse período. No período clássico, a linguagem teve muita relevância para os povos Gregos e Romanos. Faraco (2008), em seu livro *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*, relata que esses povos não tinham uma gramática que sistematizasse a língua, entretanto, sempre foram muito preocupados com as questões sobre a linguagem humana.

Em um vasto período de reflexão sobre esse sistema complexo, surge a retórica. Segundo Faraco (2008), a retórica é uma arte que se dedica a linguagem com o objetivo de sugerir as formas adequadas para que o indivíduo se expresse bem diante do público (FARACO, 2008, p. 131). O autor ainda aponta que entre os temas mais abordados na retórica estão o estilo e as figuras de linguagem. O primeiro se refere à “como escolher a expressão

verbal mais adequada aos propósitos, à audiência e às circunstâncias do dizer” (FARACO, 2008, p.131); o segundo, “como embelezar a expressão e sensibilizar a audiência pelo uso da linguagem figurada” (FARACO, 2008, p.131). A retórica foi um instrumento bastante utilizado pelos filósofos nas praças públicas, pois ocorriam constantes disputas políticas fervorosas. Os participantes destas disputas, que deveriam dominar a arte de falar bem, construía discursos bem elaborados, com argumentos convincentes que os levassem a vencer os concorrentes.

Ainda nesse tempo, com os filósofos Aristóteles, Platão e os estoicos surgem um questionamento sobre o que é a linguagem e como se dá seu o funcionamento. A partir deste momento de questionamento que introduzem uma discussão acerca do signo linguístico. Este sistema atemporal de valores, que é formado por significado (conceito) e significante (imagem acústica), possui regras que são totalmente abstratas. Para os filósofos a abstração dos signos linguísticos é um dos motivos que os impulsionava saber como se deram essas regras. Questionando, desse modo, se a relação entre o nome e o objeto é motivada ou arbitrária. Em outras palavras, “se o vínculo das palavras com seus referentes eram dados por algo intrínseco à natureza das coisas ou por convenção historicamente construída” (FARACO, 2008, p. 131). O questionamento iniciado pelos filósofos se desenvolveu, posteriormente, em Saussure com a arbitrariedade do signo linguístico (cf. SAUSSURE, 1916, p. 79).

Na era cristã, a biblioteca de Alexandria foi um espaço fundamental para o desenvolvimento de estudos sobre a linguagem escrita. Os gregos se debruçaram em uma vasta produção literária de autores clássicos a fim de preservar esse acervo e contribuir para a expansão da literatura com os seus estudos. Nesse momento de estudo, análise e entendimento acerca dessas obras, surge uma nova ramificação dos estudos sobre a língua: a filologia e gramática. Segundo Faraco (2008):

“O estudo criterioso dos textos levou os eruditos alexandrinos a descrever e comentar a língua que ali encontravam: aspectos métricos, ortografia e pronúncia; a distribuição das palavras por classes (nome, adjetivos, pronomes, verbos, advérbios, conjunções, etc); a estrutura sintática da oração simples (sujeito, predicado, complementos, adjuntos) e dos períodos

(coordenação e subordinação); o uso das figuras de linguagem e assim por diante” (FARACO, 2008, p. 133).

Esse período de intensos estudos sobre a língua escrita contribuiu para a criação da primeira gramática grega. A partir desse momento, a língua passa por um processo de normatização. Cabe mencionar que, no processo de construção de uma gramática, os gregos tiveram como inspiração a retórica, que visa embelezar a linguagem a fim de mostrar o domínio da língua. Para eles, quem tinha o domínio da língua eram os autores gregos clássicos. Desse modo, pressupõe-se que todo resto não tinha o domínio e que necessitaria saber usar a língua como estes autores para ter sucesso na comunicação. (Tempos depois, no século XVI, surgem as primeiras gramáticas da Língua Portuguesa com Fernão de Oliveira e João de Barros também inspiradas nessa prática social).

A seguir, faremos um salto temporal até Chomsky para mostrar que se no tempo clássico os cidadãos deveriam aprender a usar a língua da maneira correta, com Chomsky veremos que o ser humano já nasce com uma faculdade da linguagem que lhe permite saber perfeitamente como usar a sua própria língua.

2.1.2 A linguagem segundo Chomsky

Nos estudos linguísticos de Chomsky, o ser humano, desde o início de sua existência, é portador de uma gramática mental. Essa gramática é um sistema de regras muito bem formado e estruturado que possibilita o falante construir sequências gramaticais possíveis de sua língua. Consequentemente, ele também consegue reconhecer as sentenças agramaticais de sua língua. No PB, por exemplo, todo falante reconhece que “a menina é bonita” é uma frase sintaticamente bem estruturada e, portanto, gramatical. Por outro lado, “menina é bonita a” é uma frase agramatical, pois não corresponde à ordem sintática do PB.

Noam Chomsky, fundador do gerativismo na segunda metade do século XX, aborda esse conhecimento internalizado do falante em suas obras. No livro *Linguagem e responsabilidade*, o autor aponta que “a gramática gerativa deve tornar explícito o conhecimento implícito de quem fala.” (CHOMSKY, 2007, p.107). Com essa afirmação, entendemos que a língua está registrada na genética por meio de uma faculdade da linguagem.

Essa faculdade da linguagem se divide em competência e desempenho. A competência gramatical, correspondente a *langue* de Saussure, se refere ao conhecimento natural sobre as regras da língua. Por sua vez, o desempenho linguístico, correspondente a *parole* de Saussure, se refere ao ato de externalizar através da fala o conhecimento internalizado.

Porém, a competência linguística é o objeto de estudo primário do gerativismo. É nela que se encontra uma gramática universal (GU) composta por princípios e parâmetros. Essa GU é responsável pela aquisição de uma ou mais línguas no período da infância. Segundo Maia (2000), o processo de aquisição “se dá de maneira bastante homogênea para todas as crianças, independentemente do meio em que sejam criadas” (MAIA, 2000, p.30). Mas, como ocorre este processo? No estágio inicial da vida, os parâmetros presentes na GU encontram-se abertos para a aquisição de uma língua. À medida que a criança recebe os estímulos do meio, os parâmetros vão se fixando. Estima-se que esse processo de fixação dure até os 15 anos de idade. Ao fim desse processo de aquisição, aprender uma nova língua torna-se mais complexo, porque exige um esforço maior.

2.2 Pragmática linguística

Embora o enfoque da literatura de Chomsky seja a competência linguística (a língua interna), é importante mencionar que nos estudos pragmáticos tanto a competência, como o desempenho (a língua externa) são analisados em conjunto. Impossibilitando, dessa forma, o olhar exclusivo sobre apenas uma dessas áreas. Porque se entende que nenhum falante faz um ato de fala sem antes saber das regras que regem a comunicação, assim como ninguém joga um jogo sem antes conhecer as suas regras. Esta noção de jogo para a filosofia de Wittgenstein é pertinente para explicar a manifestação da linguagem. Para explicá-la, o filósofo austríaco passou por duas fases de pensamento. A primeira fase trata da lógica interna da linguagem que se enraizava nas condições de verdade. Mas é na segunda fase que o autor propaga o seu pensamento de *jogos de linguagem*.

Nessa teoria, os usuários da língua praticam uma atividade cooperativa em que há uma construção do significado contextual da palavra. Para Wittgenstein (1953), “significar é como ir em direção a alguém” (1953, p. 235). Ou seja, quando nos locomovemos em direção a algo ou a alguém, estamos realizando um ato intencional, com um propósito específico. De acordo

com Pelosi (2004), a autolocomoção é intencional porque queremos “satisfazer alguma de nossas necessidades” (2004, p. 18). Do mesmo modo, ocorre com as palavras. Cada falante significa a palavra de acordo com a sua intenção.

Sendo, então, o falante um sujeito intencional, este, por meio da linguagem, tocará expectativas e realizações na comunicação. Quando falamos que os usuários da língua são intencionais, é comum que isso soe como algo negativo, já que muitos entendem que a intenção está atrelada à pessoa que se mostra cortês para conseguir algum benefício sobre o outro. Independente disso, é importante salientar que todo falante tem uma motivação particular, psicológica sobre tudo o que se diz. Por isso devemos ter em mente que ninguém se comunica de forma ingênua.

Tomemos como exemplo uma conversa entre amigos sobre política. Por que a fala dos participantes de uma conversa sobre política costuma ter mais efeitos de sentido do que a fala destes em uma conversa sobre uma receita de bolo? Tanto a primeira situação quanto a segunda são guiadas por regras da comunicação. Entretanto, falar sobre política parece ser muito mais desafiador. Porque as opiniões podem variar, ocasionando constantes choques, o que colocaria a imagem dos interlocutores em risco. O risco de ameaça à imagem, desse modo, faz com que os participantes sintam a necessidade de trabalhar a mensagem com um significado para além do significado comunicado. Podemos comparar essa situação com um jogo de campo minado, cujo raciocínio acompanhado das estratégias do jogador impedem que as minas sejam detonadas.



Imagem 1. Conversa sobre política

Na imagem 1, por exemplo, os amigos intercambiam informações com diferentes perspectivas. O primeiro personagem se mostra esperançoso com as possíveis mudanças no país; o segundo se mostra irônico com o otimismo do amigo. Nesse contexto comunicativo, o elemento “Você é tão inocente...” foi usado de forma estratégica para suavizar o discurso e proteger a sua imagem e a imagem do seu amigo. No entanto, sabe-se que esse elemento carrega um conteúdo implícito que corresponde ao seu ceticismo em relação às possíveis mudanças, ao seu descontentamento com a política brasileira e a uma crítica ao seu amigo de não querer “enxergar” a situação calamitosa do país. Mas, como o personagem otimista poderia compreender essa mensagem oculta, isto é, a intenção de seu amigo com o proferimento?

2.2.1 A teoria dos atos de fala segundo Austin

A primeira resposta para essa questão está na teoria dos atos de fala elaborada em 1955 por John Austin e reformulada em 1962 por Searle. O auge do pensamento de Austin se encontra na obra *How to do things with words*, que foi traduzida para o português em 1990 por Marcondes como “Quando falar é dizer”. A obra é uma coletânea de 12 conferências realizadas na Universidade de Harvard, em 1955, sobre o uso da linguagem. Austin, uma importante personalidade da filosofia da linguagem, dá início as suas conferências abordando os casos de performativos e constatativos. Nessa conferência, o autor apresenta o que ele entende como um problema da filosofia: uma declaração que se presta somente a descrever um estado de coisas, levando em consideração as proposições de verdade (AUSTIN, 1990, p. 21). Em oposição a essa ideia filosófica, o autor propõe a ideia de sentença performativa, ao entender que “o proferimento da sentença é a realização de uma ação” (AUSTIN, 1990, p. 24).

Um dos exemplos citados pelo autor é o uso da palavra “aceito” em uma cerimônia de casamento. Para Austin (1990), aceitar não significa fazer uma declaração sobre algo, mas sim, realizar o ato de se casar. Partindo dessa visão, como explicar quando o proferimento performativo resultar em fracasso? A esses casos, o autor dá o nome de doutrina das

infelicidades. Porque se subentende que a pessoa que se submete a uma ação, como a de aceitar se casar, deve honrar com a sua própria palavra para o êxito da ação. Mas, quando isso não ocorre por inúmeros motivos, não cabe dizermos que tal ato foi falso, mas sim, que “a palavra foi vã ou feita de má fé ou não foi levada a cabo” (AUSTIN, 1990, p.28).

É importante destacar que há os casos em que os performativos estão implícitos no discurso, podendo, dessa forma, apresentar diferentes interpretações. Marcondes (2006) diz que o verbo performativo “prometer” apresentado de forma explícita em uma frase como “Prometo que lhe pagarei amanhã” traz o seu sentido literal de promessa. E, quando se suprime o verbo em uma frase como “Eu lhe pagarei amanhã”, pode ser interpretada ou como uma promessa ou como uma ameaça (MARCONDES, 2006, p. 224), dependendo da situação, da entonação, etc.

Como uma forma de categorizar os possíveis usos da linguagem, Austin introduz a noção de atos locucionários, ilocucionários e perlocucionários. O primeiro é, em sentido literal, o dizer; o segundo é a ação gerada a partir da locução; já o terceiro carrega um sentido de consequência da ação. Porém, são os atos ilocucionários que o autor busca elucidar em seu trabalho. Para Austin as forças ilocucionárias podem ser divididas em famílias mais gerais de atos de fala, como veriditivos, executivos, comissivos, comportamentais e expositivos. Segundo Marcondes (2006), o objetivo de Austin, ao dividir as forças ilocucionárias em categorias, “é o de facilitar a identificação do tipo de ato realizado, já que nem sempre um performativo explícito é empregado” (2006, p. 225).

Na tabela 1, apresentamos os tipos de atos ilocucionários propostos por Austin:

Veriditivos	“Caracterizam-se por dar um veredito, como o nome sugere, por um corpo de jurados, por um árbitro, ou por um desempatador (terceiro árbitro). Mas não é necessário que sejam definitivos. (...)”	Ex.: “Condeno”; “absolvo”; “considero (em termos legais)”.
Executivos	“Consistem em tomar uma decisão a favor ou contra um determinado curso da ação, ou advogá-la. É decidir que algo tem que ser de determinada	Ex.: “Indico”; “nomeio”, “rebaixo (de categoria)”

	maneira, em oposição a julgar que tal coisa é assim.”	
Comissivos	“Caracterizam-se por prometer ou de alguma forma assumir algo.”	Ex.: “Dou a minha palavra que...”; “me comprometo a...”.
Comportamentais	“Constituem um grupo muito heterogêneo, e têm a ver com atitudes e comportamentos sociais.”	Ex.: “Para pedir desculpas temos “peço desculpas”; “Para saudações temos “seja bem-vindo”, “boa sorte”
Expositivos	“Os expositivos se usam nos atos de exposição que consistem em expressar opiniões, conduzir debates e esclarecer usos e referências.”	Ex.: “Passo agora a ocupar-me de...”; “menciono que...”

Tabela 1. Atos ilocucionários

2.2.2 A teoria das implicaturas de Grice

Nesse mesmo caminho do contrato social da linguagem, o filósofo Paul Grice (1982) propõe uma teoria das implicaturas para tratar daquilo que não é dito abertamente, mas fica subentendido na conversação. Implicatura é um termo técnico utilizado pelo autor para explicar os traços do discurso, que podem ser divididos em dois tipos: convencional e conversacional. Na implicatura convencional, entende-se o significado literal do enunciado. Se o emissor, por exemplo, profere presunçosamente “Ele é inglês; ele é, portanto, um bravo”, o receptor deve exprimir que o emissor acredita que todo inglês é bravo. Segundo Grice (1982), embora o emissor tenha dito que ele é bravo porque é inglês, não quer dizer que tenha dito, no sentido literal de dizer. Isto é, “não quero dizer que minha enunciação desta sentença seja estritamente falando” (1982, p. 85).

A implicatura conversacional, segundo Grice (1982), é considerada uma subclasse de implicaturas não convencionais, que trata de incluir um significado que está para além do significado literal. Nesta implicatura, o emissor pretende que o seu interlocutor faça

inferências sobre a mensagem. O significado da frase “A porta está aberta”, por exemplo, dependerá de fatores implícitos, contextuais. Em um contexto de aula, uma professora, enquanto ministra sua aula, percebe que há uma pessoa do lado de fora olhando insistentemente para dentro sala e ela lhe diz: “A porta está aberta”, o que se pode inferir dessa enunciação é que a professora está lhe fazendo um convite para entrar na sala. Já no contexto em que uma professora percebe que o aluno não está disposto a cooperar com a aula e ela lhe diz: “A porta está aberta”, a frase configura um pedido para que o aluno se retire da sala.

O uso da expressão “A porta está aberta” é apropriado para os devidos contextos, mas não é qualquer sentença que permite esta ambiguidade. Não seria lógico usar, por exemplo, “A mesa está posta”, em qualquer contexto. Porque, segundo Grice (1982), a conversação exige uma racionalidade, um esforço cooperativo entre ambas as partes (1982, p. 86). Para evitar que aquilo que é implicitado seja inadequado, que fuja do propósito estabelecido pelos falantes, Grice (1982) adverte que o participante “faça a sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engaja” (1982, p. 86). A essas regras da conversação, o autor dar o nome de princípio cooperativo. Este princípio se subdivide em máximas da conversação, como mostra a tabela 2:

Quantidade	“Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para o propósito corrente da conversação).”
Qualidade	“Trate de fazer que uma contribuição que seja verdadeira.”
Relação	“Seja relevante”
Modo	“Seja claro” ¹

Tabela 2. As máximas conversacionais

¹ Grice, ao propor esta máxima, entende que ser claro está relacionado ao que é dito, mas sim, como o que é dito deve ser dito. (1982, p. 87)

Vistas as teorias de Austin sobre os atos de fala performativos que permitem que as pessoas realizem algo no mundo e as de Grice sobre o conteúdo literal e as inferências extralinguísticas que os ouvintes fazem a partir do conteúdo literal em determinados contextos, uma nova etapa é apresentar que construção do significado depende das experiências sociais.

2.2.3 As noções de frames para a construção do significado contextual

A interpretação do significado da palavra, por sua vez, pode ser explicada sob a luz da ciência da cognição. A década de 50, pautada na teoria cartesiana sobre a divisão de mente e corpo, foi marcada pelo pensamento da existência de uma mente corporificada. Em outras palavras, a mente era entendida como um programa computacional abstrato. Sob essa perspectiva, o sujeito pensante “seria capaz de representar o mundo internamente” de duas maneiras. “A primeira é a representação de natureza analógica (i.e. semelhante a imagens); A segunda, proposicional (i.e. semelhante à linguagem)” (PELOSI, 2014, p. 9). Entretanto, nos deteremos a explicar a primeira representação.

A respeito da primeira propriedade mental, cabe mencionar a noção de *frame*, que foi muito difundida no âmbito da Linguística cognitiva por Charles Fillmore e no âmbito da sociologia por Erving Goffman. Conforme ressalta Fillmore (1982) em sua pesquisa empírica sobre *frames semantics*, um frame é “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que para entender qualquer um deles, você tem que entender toda a estrutura em que se encaixa” (FILLMORE, 1982, p. 373). Essa pesquisa enfatiza que o acesso ao mundo é mediado pela cognição. Isso significa que a palavra é relativizada, isto é, não reflete a realidade; a palavra é apenas uma pista para a construção do sentido.

Por sua vez, Goffman traz uma visão social do *frame*. Segundo Ribeiro (2002), o termo frame, traduzido para o português como enquadre, quadro ou imagem, foi “introduzido por Bateson e desenvolvido por Goffman” em sua obra *Frames Analysis* (RIBEIRO, 2002, p.107). A noção que o autor apresenta é a de que as experiências sociais balizam a conversação. Ou seja, em uma conversa entre amigos, as informações prévias, que estão organizadas em quadros mentais, são essenciais para a interação.

3. Cortesia verbal: O fenômeno linguístico da interação social

Vimos anteriormente que as intenções e o conhecimento de mundo, que são resultado de nossa experiência social, são mecanismos que possibilitam a construção do significado, o qual se deve interpretar no momento discursivo. Nesse capítulo, veremos que na conversação, os falantes se valem de recursos verbais, e às vezes, não verbais, como estratégias que garantem o bom funcionamento das relações interpessoais. Esses recursos linguísticos fazem parte do que chamamos de cortesia verbal². A cortesia verbal é um fenômeno linguístico desenvolvido dentro da área da pragmática e que recebeu muita atenção nos estudos de autores como Goffman (1959), Fraser (1980), Brown y Levinson (1987), Lakoff (1973), Bravo (2003, 2004) ou Fontanella de Weinberg (1999), entre outros.

Apesar de ter nascido na área da pragmática, a cortesia não se restringiu apenas a essa área. Mas, ao longo do tempo, com o interesse das ciências sociais, este fenômeno linguístico conseguiu traspasar os muros pragmáticos. Para estas ciências, a cortesia foi um importante recurso que possibilitou aprimorar os estudos sobre o comportamento social do ser humano, levando em consideração toda a bagagem cultural do falante que influencia diretamente na forma como ele se relaciona com o meio em que vive e como essa relação é percebida através da fala. A respeito desse comportamento em sociedade, é interessante notar que todo falante tem a mesma consciência social. Isto é, todo falante é dotado de uma percepção que o faz saber o que é favorável e o que é desfavorável para a saúde das relações intercomunicativas de sua comunidade de fala.

² Embora existam estudos teóricos e metodológicos sobre as manifestações de cortesia verbal no momento da interação, podemos dizer que eles são bem recentes. Isso não significa que estas manifestações são recentes, mas, sim, que, ao longo dos anos, este fenômeno recebeu pouca atenção por parte de pesquisadores. O fato de que é pouco explorado justifica a falta de autores brasileiros na área. Outra questão que nos chama a atenção é uma questão de mercado. Os livros digitais e os arquivos com os mais famosos e importantes trabalhos sobre a cortesia verbal, em sua maioria em inglês, não são traduzidos para o português brasileiro e tão pouco são de livre acesso na internet. Geralmente, os sites que disponibilizam os materiais completos exigem uma taxa de custo para acessá-los. É importante tomar consciência que o acesso à informação é bastante restrito e tratando-se de um fenômeno recente, isso é prejudicial para a sua ampliação e divulgação.

Acredita-se que todo falante consegue passar uma boa impressão se trabalhar os recursos verbais como pedir desculpa, felicitar o outro, dizer por favor e obrigada e os recursos não verbais como fazer saudações gestuais. E aquele que não trabalhar esses recursos básicos, deixa transparecer uma imagem negativa de si mesmo. Podemos dizer que a presença das formas linguísticas de cortesia na interação se justifica pelo fato de o lado social dos sujeitos ter mais peso que o individual? Isto é, um falante está sempre tentando ser cortês, não em benefício próprio, mas, em benefício de seu público, de seu grupo social? Veremos mais adiante que as manifestações de cortesia na fala não têm o objetivo de desfavorecer nenhum lado, mas mantê-los em equilíbrio.

Sabemos que a noção de grupo pode gerar um entendimento equivocado, como ter que abdicar do “eu” para pensar somente em grupo, somente no outro. Ser parte de um grupo implica compartilhar as mesmas visões e conhecimentos, sem anular a individualidade, a personalidade, a cultura e os costumes dos indivíduos. Respeitar a particularidade dos indivíduos resulta no equilíbrio das relações. Isso significa que tanto o emissor quanto o receptor estão em pé de igualdade na interação. Estar em pé de igualdade resulta ainda em uma comunicação sem autoritarismos e preconceitos, como mostram as máximas de Lakoff: *“No impongas tu voluntad; da opciones; sé amable com tu interlocutor.”* (1973, apud ACEVEDO, 2011).

3.1 Cortesia: o que é e como ela é entendida

Sendo a cortesia verbal um fenômeno relativamente recente, é muito comum o questionamento sobre o seu significado. Os dicionários monolíngues, que estão disponíveis no ambiente virtual e que são de fácil acesso dos internautas, nos apresentam as seguintes definições. De acordo com o Michaelis, dicionário da Língua portuguesa, cortesia é “característica daquele que se apresenta de maneira cortês. O dicionário da Real academia espanhola (RAE), por sua vez, diz que cortesia é *“demonstración o acto con que se manifiesta la atención, respecto o afecto que tiene alguien a otra persona”*.

As duas definições anteriores nos apresentam a ideia de que a cortesia é um comportamento social adequado. Mas, podemos afirmar que elas são suficientes para explicar o que é a cortesia? Segundo Bravo (2004), existe uma consciência universal sobre o comportamento e as formas de tratamento adequadas que garantem a harmonia e a progressão social e, conseqüentemente, evitam os possíveis conflitos sociais. Se levarmos em consideração essa universalidade, podemos dizer que as definições de cortesia presentes nestes dicionários são suficientes. No entanto, quando adentramos no universo das comunidades linguísticas, no qual os indivíduos são moldados por culturas, crenças e intenções particulares que influenciam no uso da palavra, percebemos que a universalidade da cortesia se desfaz para assumir um caráter mais particular (2004, p. 39). Desse modo, as noções de cortesia que apresentamos anteriormente tornam-se insuficientes, já que a demonstração de carinho ou de respeito através da fala depende muito mais do que cada indivíduo entende como carinho ou respeito do que da ação em si.

As noções de cortesia na atualidade são bastante variáveis, mas, no século XII, se originou na literatura medieval uma noção de cortesia que tinha um caráter “segregador e preconceituoso” (2001, p. 65). Raul Cesar Gouveia Fernandes, em seu texto “Amor e cortesia na Literatura Medieval”, afirma que “a cortesia não é apenas o código de etiqueta próprio da vivência refinada da corte, mas uma verdadeira moral idealizada da elite feudal” (2001, p. 64). Isso significa que ser cortês não era um comportamento, mas, uma característica do homem feudal que o diferenciava dos demais. Segundo o autor, essas características expressavam uma perfeição moral e social. Quem não fazia parte da corte, da boa sociedade, “era pejorativamente tachado de vilão” (2001, p. 64).

3.2 A cortesia como estratégia discursiva

A cortesia, resumidamente, está atrelada a um comportamento adequado e que por meio deste comportamento os atores sociais garantem a harmonia na interação. Mas que, em diferentes casos, este “comportamento adequado” pode soar descortês, causando um constrangimento no interlocutor e uma desarmonia nesta relação. Sabendo isso, como o

falante procede para que a sua personalidade seja respeitada socialmente? Os estudos de Goffman (1959), Fraser (1980), Brown y Levinson (1987), Fontanella de Weinberg (1999), entre outros, nos apresentam quais estratégias linguísticas que os falantes adotam quando entram no jogo da comunicação.

3.2.1 Contrato conversacional

Para evitar as violações da face, ocasionadas pelo uso inadequado ou descortês no trato, e para manter uma relação saudável entre emissor e receptor, Fraser (1980) postula que os participantes da comunicação trazem consigo explicitamente ou implicitamente um contrato conversacional com os direitos e deveres que se têm na conversação. Os direitos e os deveres estão relacionados com o que emissor pode ou não dizer ao interlocutor e o que ele deseja ou não que seja dito a ele. Como exemplo, Fraser (1980) apresenta as seguintes situações:

“When I enter a physician's office, for example, I implicitly extend to him or her right to ask me questions about me- my history and my problems. However, there are limits to what I may be asked. On going to a podiatrist, for example, I do not normally expect to be asked questions about my sex life, unless we have negotiated that this relevant to the examination. On the other hand, if I come upon you in a ditch with a heavy log pinning your leg to the ground, you can certainly assume the right to ask me to lift up the log, and I certainly must assume the obligation to try to do so” (1980, p. 343).

Assim como Grice com as máximas conversacionais, Fraser nos apresenta o contrato conversacional como uma atividade cooperativa, cujos participantes se empenham para que a comunicação siga o rumo estabelecido. O primeiro exemplo dado por Fraser é o da consulta ao médico. Suponhamos que esta consulta seja a um psicólogo, o paciente dá ao médico o direito de perguntar sobre a sua vida pessoal, porque convém para a consulta. Ao contrário do primeiro exemplo, o segundo mostra que o médico podólogo está restrito no que deve

perguntar na consulta. O paciente espera que o médico que trata o pé deve perguntar coisas referentes a isso e não, por exemplo, sobre a sua vida sexual. O terceiro exemplo, que é o que melhor expressa o que é este contrato conversacional, mostra que os participantes entram em uma situação de cooperação, na qual um indivíduo que enfrenta um momento incomodo assume o direito de pedir auxílio e o outro assume a obrigação de ajudá-lo. Entendemos com isso que ser cooperativo é ser cortês.

3.2.2 O uso da mitigação

Além daquilo que é dito pelo falante, outra questão que foi abordada em *Conversational Mitigation* por Fraser é a mitigação como forma de usar as palavras em benefício de si mesmo e/ou do outro. Segundo Fraser (1980), a mitigação é a redução de certos efeitos indesejáveis que um ato de fala tem sobre o interlocutor. Esta redução de efeito não é “*the same as to allay someone's fears, or to reduce someone's suspicions; insofar as these fears or suspicions are states existing in the individual prior to an utterance, mitigation, as I see it, does not bear on them*” (1980, p. 342).

Ao mitigar a força de mensagem, os participantes, geralmente em uma situação de vulnerabilidade, selecionam cuidadosamente as palavras não apenas para proteger a imagem do seu interlocutor. Através das técnicas de distanciamento, de isenção de responsabilidades, os participantes cuidam também que a sua imagem seja protegida. Em um ato de fala de demissão de emprego, por exemplo, o anunciador da mensagem, que é o chefe, tem a consciência que o luto, gerado por essa ação, é inevitável. A impossibilidade de neutralizar o luto, desse modo, o leva a mitigar a fim de se isentar da culpa da demissão e possivelmente das críticas pela ação (FRASER, 1980, p. 341-342).



Imagem 2. Mitigação

Desse modo, ao invés de proferir de maneira direta o comunicado de demissão, como “João, você está demitido!”, que poderia levar o interlocutor a pensar que o chefe não estaria satisfeito com o seu trabalho ou que ele simplesmente o quis demitir, o emissor, como mostra o exemplo da imagem 2, profere um discurso indireto, no qual coloca que a decisão foi tomada pelo corpo da empresa e não exclusivamente por ele (“não conseguiremos”) e deixa implícito que essa decisão provavelmente decorre de uma crise financeira que a empresa esteja passando (“não conseguiremos mantê-lo como funcionário), já que não se pode manter um funcionário sem recursos financeiros.

3.2.3 O uso do atenuador

Além disso, o emissor utiliza o atenuador “infelizmente”, que é muito produtivo na comunicação. O uso do atenuador, neste caso, corrobora que a decisão de demiti-lo foi necessária e não voluntária, além de implicar que é lamentável a saída do profissional. Com isso, o chefe consegue evitar possíveis conflitos e fazer com que o seu funcionário aceite sem muita dificuldade a informação. Segundo Antonio Briz (2002), a principal função do uso de

atenuadores no discurso é a de causar aceitação por parte do ouvinte, “*ya sea de lo dicho, del decir o del próprio hablante*” (2002, p. 17). Há casos, entretanto, em que o uso de determinados atenuadores evidencia uma descortesia por parte do falante, que impossibilita a aceitação por parte do ouvinte. No PB, por exemplo, podemos usar a forma atenuadora “cheinha” quando queremos dizer que alguém é gordo ou está engordando: “Você está ficando cheinha”.

Nesse caso, o uso do atenuador “cheinha” mostra descortesia, principalmente se a mensagem é dirigida a uma mulher, que culmina em um conflito entre os participantes da comunicação. Mas há casos, segundo Briz (2002), em que a atenuação objetiva mostrar cortesia e que este desejo de mostrar cortesia provém também da busca do falante pelo equilíbrio das imagens sociais, como postula Hernández Flores (2002, p. 22). A partir do que foi dito, como podemos diferenciar quando um atenuador é cortês e quando é descortês? O atenuador “Infelizmente”, presente no exemplo da imagem 2, é usado para demonstrar cortesia ou descortesia?

Para responder essa pergunta, devemos considerar os seguintes pontos: contexto, intenção, entonação, expressão facial. Tanto o contexto como a intencionalidade do falante apresentados, que provavelmente refletiria na entonação, nos levariam a considerar que o elemento atenuador é uma manifestação de cortesia. Mas, há casos em que o atenuador “infelizmente” pode estar atrelado a uma manifestação de descortesia. Por exemplo, um cliente vai a um restaurante almoçar. Quando vai pagar a conta, o cliente diz ao proprietário do restaurante: “Que comida ruim! Não volto mais aqui”. Entendendo como um ato grosseiro, o proprietário, sarcasticamente, retruca: Que pena! Infelizmente o senhor não vai mais voltar.

3.2.4 O uso de formas nominais

Outro recurso linguístico que se utiliza no momento da interação é a cortesia nominal, também conhecida como formas de tratamento nominais. A cortesia nominal é um comportamento social adequado que se manifesta através de vocativos que expressam o grau de distanciamento ou proximidade entre os falantes. Há dois tipos de vocativos: denotativos e

conotativos. Como mostra a tabela 3, retirada do trabalho de Fontanella de Weinberg (1999), o vocativo denotativo se refere ao “*nombre personal*” e o vocativo conotativo se refere ao uso dos termos “*de parentesco; generales; de ocupaciones; de amistad, cordialidad e afecto; honoríficos*” (1999, p. 1419).

FORMAS NOMINALES						
TERMINOS DE TRATAMIENTO					NOMBRE PERSONAL	
DE PARENTESCO	SOCIALES				NOMBRE DE P.I.A. - HIPOCORISTICO	APELLIDO
	GENERALES	OCUPACIONALES	DE AMISTAD, CORDIALIDAD Y AFECTO	HONORIFICOS		
papá - mamá pa - ma hijo - hija abuelo - abuela nono - nona tío - tía ...	Sr. - Sra. don - doña caballero joven niña ...	gobernador ministro intendente doctor licenciado profesor ...	amigo compañero querido tesoro ...	Va. Excelencia Su Excelencia Va. Señoría Su Reverencia ...	Juan Gabriel Pablo Maria Silvia Laura Juancho Marita Silvita Gabi ...	García Gutiérrez Borelli Petersen Rossi Varela ...

Tabela 3. Termos de tratamento

Embora haja uma categorização das formas de tratamento nominais, é importante mencionar que os falantes costumam desvincular as expressões de seu sentido original para o propósito pretendido. Por exemplo, quando a mãe termina de limpar a casa e a filha coloca os pés sujos no sofá, a mãe lhe diz: “A bonita poderia tirar os pés do meu sofá?”, ou ainda, “Muito querida você... está sujando o meu sofá. Os termos “bonita” e “querida” se enquadram na categoria “*de amistad, cordialidad y afecto*” de Fontanella de Weinberg (1999). No entanto, nesse contexto, o emissor usa essas formas com o propósito de ironizar, de criticar a atitude da filha.



Imagem 3. Cortesia nominal

As formas de tratamento nominais “senhor” e “senhora” se enquadram na categoria “*generales*” de Fontanella de Weinberg, mas podem ser usadas pelos falantes para demonstrar respeito no trato com os mais velhos, formalidade ou distanciamento social. Dependendo do contexto, o interlocutor pode avaliar o trato como positivo ou negativo. No exemplo da imagem 3, em um ato de fala de pedido, o chefe pede que o funcionário compareça à sua sala. Ao se dirigir ao funcionário, ele utiliza a forma nominal “senhor” ligado ao nome próprio “Felipe”. O uso do termo “senhor”, nesse exemplo, tem o sentido de manter a formalidade que é exigida entre chefe e funcionário em um ambiente de trabalho. Por esse motivo, o interlocutor não avalia o tratamento como negativo. (Essa afirmação é confirmada pela expressão facial do personagem).

Mas, imaginemos outra situação. Os personagens trabalham na mesma empresa, mas são amigos de longa data. Evidentemente, na conversação se usará alguma forma de tratamento nominal que expresse proximidade, mesmo sendo em um ambiente de trabalho. Desse modo, ao invés de “senhor Felipe”, o locutor deverá chamá-lo pelo nome próprio “Felipe” ou pela forma pronominal “Você”. Imaginemos, ainda, que o interlocutor vem de uma cultura que o tratamento “senhor” é usado para pessoas desconhecidas. Entendendo que existe uma proximidade entre os falantes, o uso de “senhor Felipe” causará um estranhamento no interlocutor, o que o levará a interpretar o tratamento como negativo ou a não levar a sério pedido do amigo.

3.3. A questão da imagem pública

O principal motivo que os interlocutores estabelecem filtros na fala é a necessidade de satisfazer os desejos de imagem. O clássico estudo de Brown & Levinson sobre a polidez trata das imagens públicas do falante. Este estudo foi desenvolvido com base na ideia de Goffman sobre a fragilidade da imagem dos participantes da comunicação que pode acarretar no constrangimento, na humilhação ou na perda da face (1987, p. 311). Segundo os autores, a

imagem pública é uma construção emocional do sujeito social que pode ser perdida, mantida ou aprimorada (1987, p. 311).

A consciência do ser humano de ser um indivíduo no mundo que tem direitos na conversação o possibilita reivindicar para si uma imagem. Essa imagem, como postula Brown & Levinson (1987), se configura de duas formas: positiva (ou externa) e negativa (ou interna) (1987, p. 311):

<i>Negative face</i>	<i>The basic claim to territories, personal preserve, rights to non-distraction, - i.e, to freedom of action and freedom from of imposition.</i>
<i>Positive face</i>	<i>The positive consistent self-image or 'personality' (crucially including the desire that this self-image be appreciated and approved of) claimed by interactants.</i>

Tabela 4. Tipos de imagem

A imagem positiva reflete um falante que deseja ser aprovado socialmente. Já a imagem negativa reflete um falante que deseja ter a liberdade da ação, que não deseja ser coagido, ameaçado, ou seja, não deseja que os seus direitos, assegurados pelo contrato conversacional, sejam violados. As reivindicações que o falante reclama para si estão intrinsecamente ligadas à vulnerabilidade da face e, portanto, o desejo de protegê-la socialmente.

A respeito disso, Goffman (1959), em seu livro *The Presentation of Self in Everyday Life*, traduzido para o português como “A representação do eu na vida cotidiana”, diz que “quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles” (1959, p. 29). Ou seja, todo falante é um ator que diante do seu público está buscando construir uma imagem positiva de si mesmo, mostrando-lhes atributos que aparenta ter como ser polido e cortês.

Quando o público está convencido de que aquele personagem que está vendo é a realidade, o ator consegue o que deseja: preservar a sua face positiva. A aprovação social desse personagem, consequentemente evita os confrontos que ameaçam a sua face. Mas, se o

público não crer naquele personagem e lhe diz “Você é uma decepção. Seja mais verdadeiro!”, a mensagem de avaliação negativa e agressiva do público ameaça a face negativa do ator que não deseja ser constrangido e nem que alguém lhe imponha algo.

Vimos até aqui que os trabalhos de autores consagrados mostram que as estratégias discursivas colaboram para o sucesso daquilo que se espera na interação, que é proteger a imagem pública e realçar sua imagem positiva. A seguir, apresentaremos o conjunto de procedimentos operativos que foram adotados para reunir o nosso corpus.

4. Metodologia

Objetivamos, neste capítulo, apresentar os métodos que utilizamos para construir o nosso corpus. Amostras apresentadas neste trabalho são frutos de gravações de conversas corriqueiras, totalmente espontâneas entre falantes de Joanópolis, feitas nos meses de julho e dezembro de 2018, a fim de analisarmos as formas de tratamentos que são frequentemente usadas no momento da interação.

Para realizar a pesquisa de campo, o primeiro passo foi (i) coletar os dados com o auxílio de um gravador de celular. Quando já tínhamos dados suficientes para a nossa análise, (ii) fizemos a transcrição das conversas gravadas. Observamos as transcrições para (iii) identificar as formas de cortesia usadas por esses falantes no momento de interação.

Para realizar a análise dos dados do presente trabalho, (a) Quantificamos as formas encontradas em nosso corpus; (b) Apresentamos quais estratégias discursivas de (des)cortesia foram encontradas na fala dos informantes; (c) Verificamos quais dados correspondem com as teorias e quais não correspondem pela forma e pelo uso

Inicialmente apresentamos que o objetivo central desta pesquisa é saber o quanto os falantes de Joanópolis, cidade do interior paulista, se mostram corteses e/ou descorteses no

momento da interação. A escolha pelo dialeto do interior de São Paulo foi motivada, como já mencionado anteriormente, por um contato pessoal com os indivíduos dessa região. Esse contato pessoal acarretou em uma afinidade com a fala dos falantes de Joanópolis e em um desejo de iniciar uma pesquisa sobre as formas de tratamento, principalmente sobre as formas de cortesia, que são usadas frequentemente na conversação.

Para realizar tal tarefa, gravamos, em situações de conversas reais, nos meses de julho e de dezembro de 2018 um total de 17 pessoas, todas com grau de parentesco. Como todos os participantes pertencem à mesma família e têm o costume de fazer visitas para conversar, aproveitamos para gravar estas conversas com os temas sugeridos por eles mesmos. Em apenas um momento, que um informante sugere o tema “balada”, fizemos perguntas referentes ao tema para dar sequência a conversa e, assim, obter mais informações sobre quais formas de cortesia são usadas por jovens.

No momento das gravações, nenhum informante tinha o conhecimento de que estava sendo gravado. Optamos por não os informar, naquele momento, para não comprometer os resultados. A consciência de que se está sendo gravado implicaria em uma tentativa de aperfeiçoar a fala, mudando os traços característicos da fala caipira. Ao final de todas as gravações, informamos os participantes sobre as gravações para este trabalho e pedimos a autorização para utilizá-las.

Reunimos na tabela 5 o perfil dos 17 informantes sob quatro aspectos: 1) naturalidade, 2) Sexo, 3) Faixa etária, 4) escolaridade.

INFORMANTE	NATURALIDADE	SEXO	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE
INFORMANTE 1	JOANÓPOLIS	M	23	Ensino médio completo
INFORMANTE 2	JOANÓPOLIS	F	48	Ensino fundamental completo

INFORMANTE 3	JOANÓPOLIS	F	55	Ensino fundamental incompleto
INFORMANTE 4	JOANÓPOLIS	F	74	Não escolarizada
INFORMANTE 5	JOANÓPOLIS	M	26	Ensino médio completo
INFORMANTE 6	JOANÓPOLIS	M	58	Ensino médio completo
INFORMANTE 7	JOANÓPOLIS	M	53	Ensino médio completo
INFORMANTE 8	JOANÓPOLIS	M	50	Ensino médio completo
INFORMANTE 9	JOANÓPOLIS	F	18	Ensino superior incompleto (cursando)
INFORMANTE 10	JOANÓPOLIS	F	9	Ensino fundamental incompleto (cursando)
INFORMANTE 11	JOANÓPOLIS	M	10	Ensino fundamental incompleto (cursando)
INFORMANTE 12	JOANÓPOLIS	F	41	Ensino fundamental incompleto
INFORMANTE 13	JOANÓPOLIS	F	24	Ensino médio completo
INFORMANTE 14	JOANÓPOLIS	F	58	Ensino superior completo

INFORMANTE 15	JOANÓPOLIS	F	55	Ensino médio completo
INFORMANTE 16	JOANÓPOLIS	F	26	Ensino superior completo
INFORMANTE 17	JOANÓPOLIS	F	5	Pré-escola

Tabela 5. Dados dos informantes

Para facilitar a visualização dos dados, separamos os informantes em três categorias: 1) Adultos (41 a 74 anos), 2) Jovens (18 a 26 anos) 3) Crianças (5 a 10 anos), como mostram as tabelas 6, 7 e 8 abaixo.

1) ADULTOS

INFORMANTE	SEXO	FAIXA ETÁRIA
INFORMANTE 2	F	48
INFORMANTE 3	F	55
INFORMANTE 4	F	74
INFORMANTE 6	M	58

INFORMANTE 7	M	53
INFORMANTE 8	M	50
INFORMANTE 12	F	41
INFORMANTE 14	F	58
INFORMANTE 15	F	55

Tabela 6. Informantes adultos

2) JOVENS

INFORMANTES	SEXO	FAIXA ETÁRIA
INFORMANTE 1	M	23
INFORMANTE 5	M	26
INFORMANTE 9	F	18
INFORMANTE 13	F	24

INFORMANTE 16	F	26
---------------	---	----

Tabela 7. Informantes jovens

3) CRIANÇAS

INFORMANTES	SEXO	FAIXA ETÁRIA
INFORMANTE 10	F	9
INFORMANTE 11	M	10
INFORMANTE 17	F	5

Tabela 8. Informantes crianças

5. Apresentação e análise de dados

5.1 Quantificação das formas de cortesia

Neste capítulo, serão apresentados e analisados de forma quantitativa os dados obtidos em nossa pesquisa de campo sobre o uso da (des)cortesia na interação entre os participantes joanopolenses. Como já mencionado anteriormente, é fato que usamos a linguagem para tudo, sem ela não há relação social. Mas, a forma como a usamos em sociedade varia de acordo com a intencionalidade e o contexto. No uso de uma linguagem cortês, por exemplo, os participantes podem ter a intenção de fazer que seu discurso seja aceito pelo outro (mesmo

que tenha a possibilidade de conflito), de proteger a sua própria imagem e igualmente a do outro, etc. Para que o uso tenha sucesso, é imprescindível saber “aonde se quer chegar” e de que forma se quer chegar. Por isso, veremos quais formas foram encontradas em nosso corpus, e em 5.2, a intencionalidade do locutor/ouvinte com o uso das formas encontradas.

Dentro do nosso corpus, que contém 387 turnos de fala, encontramos um total de 137 usos de (des)cortesia. Estes usos se distribuem em formas nominais, pronominais, verbais, atenuadoras, intensificadoras e mitigadoras. De acordo com o gráfico 1, as formas nominais aparecem em primeiro lugar com um valor significativo, em relação as demais, que corresponde a 49,64%. Em segundo lugar, as formas atenuadoras aparecem com 16,06%. Em terceiro lugar, as formas mitigadoras apresentam um valor correspondente a 10,95%. As formas intensificadoras ocupam o quarto lugar com 9,49%. Em quinto e sexto lugar, as formas verbais e pronominais correspondem, respectivamente, a 8,03% e a 5,84%.

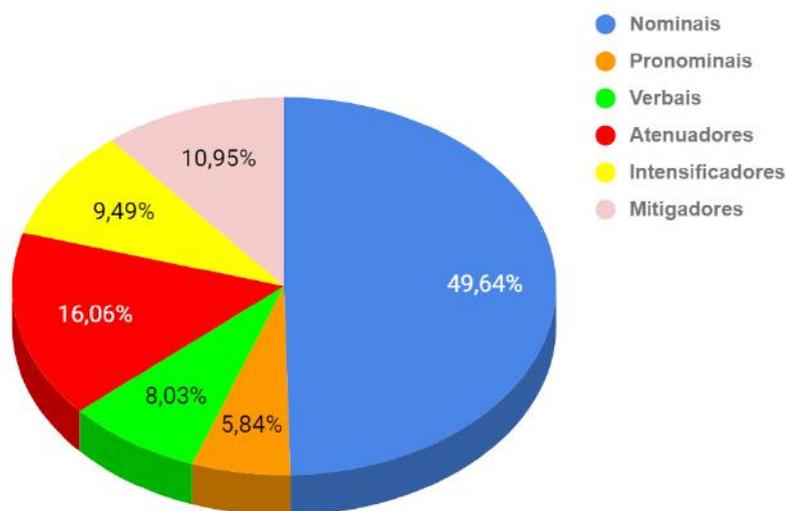


Gráfico 1. Estratégias de cortesia

5.2 Estratégias discursivas de (des)cortesia

Nesta seção, veremos, através de exemplos, que os participantes da conversação usam as estratégias discursivas de (des)cortesia, apresentadas no gráfico 1, para satisfazer os desejos de imagem.

5.2.1 Formas nominais

Como mostra o gráfico 1, o valor em porcentagem atribuído às formas nominais, demonstra que um pouco menos que a metade dos atos de fala produzidos pelos participantes estão compostos por termos nominais. Os termos nominais, retirados do nosso corpus, foram divididos em categorias similares às apresentadas por Fontanella de Weinberg (1999), que são: ‘Gerais’, ‘nome’, ‘parentesco’, ‘apelido’, ‘de amizade, cordialidade e afeto’.

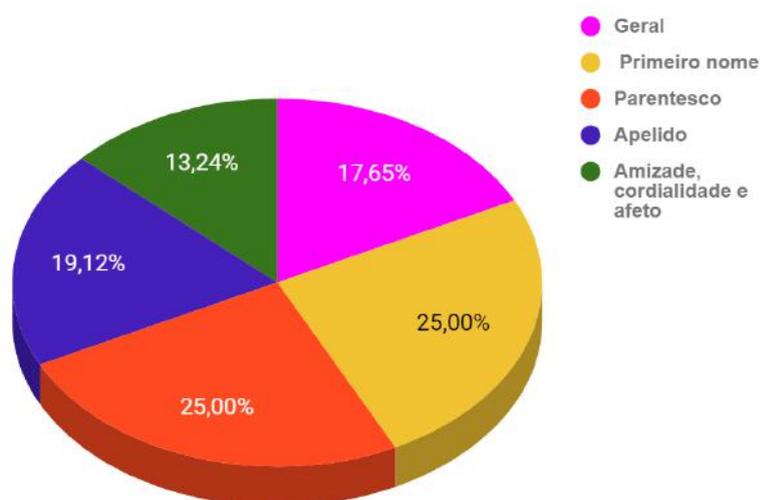


Gráfico 2. Formas nominais

Com o gráfico 2, percebe-se que o uso de primeiro nome e de termos de parentesco ocorrem de forma igual na fala dos informantes. De 68 ocorrências nominais, destinam-se

25%, que equivale a 17 ocorrências, a categoria “Primeiro nome” e 25% a categoria “Parentesco”. A predominância dessas duas formas demonstra que o tipo de relação que estão inseridos é a relação familiar. Os apelidos, que correspondem a 19,11%, (aparecem em menor escala que os citados anteriormente, mas, apresentam um número significativo), evidenciam a forma afetuosa do trato e o grau de intimidade entre os informantes. Os termos gerais, que correspondem a 17,65%, são usados pelos participantes com o propósito de generalizar para incluir. Os termos de amizade, cordialidade e afeto configuram 13,24% das formas nominais. O uso de termos pertencentes a essa categoria se deu na interação com o intuito de mostrar afetividade e carinho, marcando os traços físicos e características pessoais do receptor.

As formas nominais de primeiro nome e parentesco que se destacaram no gráfico 2 são ilustradas abaixo pelos exemplos 1a e 1b.

A situação do exemplo 1a ocorre entre as informantes 2 e 3. A informante 2, que é prima paterna dos filhos da informante 3, inicia uma conversa sobre o casamento do primo Thomas. A informante 3 alega a possibilidade de não comparecer no casamento, devido a responsabilidade de cuidar dos seus bichos e de não poder transferi-la para o seu filho Tobias.

(1a) I3: Oia, se o **Thomas** casar lá, eu num sei se vou.

I2: Que isso?!

I3: Claro que não! E os meus bicho? O **Tobias** não vai querer ficar aqui.³

Os nomes “Thomas” e “Tobias”, que estão presentes nos atos de fala da informante 1 nos exemplos 1a, pertencem as formas de tratamento de "Primeiro nome" e enquadram-se na categoria “*Nombre de Pila*” de Fontanella de Weinberg (1999). Os exemplos 1a mostram que quando o trato é direcionado ao filho, a informante 3 tem a preferência pelo uso do nome (“Thomas”) e não pelo título de parentesco (filho). A escolha por aquela e não por esta forma

³ No momento de transcrever as conversas dos informantes de Joanópolis, tomamos a decisão de manter as marcas de coloquialidade das falas para que não se perca a principal característica da conversação.

é devido a ser uma forma comumente usada por pais. No entanto, o mesmo não ocorre quando o tratamento é direcionado de filhos para pais.

No exemplo 1b, o informante 1 comenta com a sua prima sobre a sua primeira impressão a respeito de um prato culinário feito por sua mãe, que tinha como ingrediente principal a berinjela.

(1b) I1: Quando a **mãe** me deu a berinjela frita, eu achei meio amargo. Aí comi assim. Ossa! a **mãe** tinha feito aqui, eu nunca tinha comido.

O informante 1, ao se referir a pessoa que o deu a berinjela e a que fez o prato culinário, usa o título "mãe". A preferência pelo título "mãe" mostra que o informante 1 entende que a relação entre ele e a pessoa referida é uma relação assimétrica. O termo de parentesco, nesse sentido, mostra que o papel familiar que a pessoa exerce é distinto dos demais papéis que exerce na sociedade. Além disso, com o uso do termo de parentesco "mãe", o informante 1 visa cumprir as regras sociais da educação.

5.2.2 Formas atenuadoras

As formas atenuadoras, como já mencionadas anteriormente, ocupam o segundo lugar com 16,06% entre as formas que mais aparecem na fala dos informantes de Joanópolis. O uso dos atenuadores, presentes em nosso corpus, que aparecem em grande parte na forma de diminutivo, tem a finalidade de minimizar a força ilocutória para apresentar uma imagem cortês e/ou alcançar aceitabilidade do interlocutor na relação interpessoal. Veja o exemplo 2.

O exemplo 2 configura uma cena de pedido entre o informante 1 (sobrinho) e a informante 4 (tia).

(2) I1: Quer pão, tia?

I4: Eu quero um **golinho** de café.

No exemplo 2, percebe-se que há uma relação assimétrica entre os informantes expressa pelo título de parentesco. No entanto, em uma situação de pedido aquele que pede entra em uma posição inferior em relação àquele que recebe o pedido. Nesse sentido, para que o pedinte não adquira uma imagem negativa (porque se entende que, socialmente, pedir não é educado), usa-se a estratégia atenuadora para diminuir a força do pedido.

O diminutivo “golinho” do exemplo 2 não indica que a informante 4 queria um pouco do café. Mas, como forma de cortesia, informante 4 usa a estratégia atenuadora para deixar que seu sobrinho determine a quantidade de café que ele quer que ela tome.

5.2.3 Formas mitigadoras

A estratégia mitigadora, com um percentual de 10,95%, é uma das estratégias que os informantes de Joanópolis usam com menos frequência. A mitigação, segundo Fraser (1980) não é caracterizada como tipo de ato de fala particular, mas deve ser entendida como uma modificação de um ato de fala, para reduzir certos efeitos indesejáveis sobre o interlocutor. O intuito desta redução de efeito pode ser por uma preocupação com o outro (isto é, uma preocupação em não ferir a imagem do outro) e uma autoproteção. Veja o exemplo 3.

O diálogo do exemplo 3 é protagonizado pela informante 16 (prima) e pelo informante 5 (primo). A situação ocorre em um almoço familiar de natal. Ao pedirem que a informante 16 se sirva, ela recusa sob a justificativa de que almoçaria com a sua avó. Mas, o informante 5, em tom jocoso, atribui a recusa de sua prima a uma falsa modéstia.

(3) I16: Não vo almoçar aqui, não. Vo almoçar na vó... num aguento.

I5: **Ah, Jéssica! Vai bancar a santa da dieta agora?**

Ao proferir o discurso indireto "Ah, Jéssica! Vai bancar a santa da dieta agora?", o informante pretende implicitamente dizer que a sua prima recusou a comida com a finalidade de mostrar uma imagem de uma pessoa regrada. Com o uso do dêitico "agora", o informante 5 assume que a informante 16 não costuma recusar comida, mas que, naquele momento, ela

quis passar uma imagem positiva de si mesmo, o que levou o informante 5 a entender que ela rompeu com a máxima da qualidade proposta por Grice (1982), isto é, a informante 16 deixou de fazer uma contribuição verdadeira na interação.

Nesse sentido, como a fala do informante 5 é uma tentativa de desmentir a fala da locutora/ouvinte, pode-se interpretá-la como um ato de descortesia. No entanto, esta descortesia está suavizada pelo tom jocoso e pelo proferimento indireto em forma de pergunta, sem causar prejuízos à sua imagem.

5.2.4 Formas intensificadoras

A estratégia de intensificação, que não tratamos na área da fundamentação teórica, mas que aparecem em nosso corpus com 9,49%, cumpre a função de intensificar adjetivos. A estratégia de intensificação é definida como um mecanismo de aumentar ou diminuir a intensidade de uma noção de forma positiva ou negativa. Veja os exemplos 5a e 5b.

(5a) I14: Ela é linda!

I5: Ela é linda, né?

I14: (*falando olhando para a pessoa a quem se refere*) **Ela é linda e é simpática.** Tem gente que é bonita, mas não tem simpatia nenhuma, né? Ela é as duas coisas: **Ela é linda e é simpática. Muito** linda!

No primeiro momento, os informantes avaliam a pessoa a quem se refere com o termo "linda", que se enquadra na categoria "*amistad, cordialidad, afecto*" de Fontanella de Weinberg (1999). Em seguida, a informante 14 reformula a sua avaliação, intensificando que "ela é linda e é simpática", isto é, ela não é só linda como as demais que não são simpáticas. E na última parte do ato de fala a informante reformula novamente a sua avaliação com um advérbio intensificador de adjetivo ("Muito linda"). O uso do intensificador, neste caso, tem o objetivo de aumentar a qualidade da pessoa referida para que a pessoa que fala transpareça

uma imagem cortês, pois, como postula Goffman (1959), todo falante é um ator que diante do seu público está buscando construir uma imagem positiva de si mesmo, mostrando-lhes atributos que aparenta ter como ser polido e cortês.

Como previsto na metodologia, o exemplo 5b é referente à sugestão do tema "balada" do informante 5. A situação ocorreu em um momento que o informante 5 menciona que irá em uma casa de show, na cidade vizinha de Joanópolis, para comemorar o encerramento do ano. A partir disso, o questionamos sobre qual é a sua frequência nesse tipo de festa.

(5b) - Você vai sempre (na balada)?

I5: Vou **bem** de vez em quando só, mas sou **bem** preguiçoso pra balada.

Na fala do informante 5, no exemplo 5b, verificou-se duas estratégias de intensificação: "bem de vez em quando" e "bem preguiçoso". A primeira estratégia refere-se a uma intensificação da pouca frequência do informante 5 no evento balada. Já a segunda estratégia mostra o grau máximo de desinteresse para este tipo de evento. Nota-se que a expressão "bem preguiçoso", quando desassociada do contexto, apresenta uma intensificação de um defeito.

No entanto, olhando para o contexto, embora "ser preguiçoso", socialmente, seja negativo, o informante 5 se adjetiva como tal para qualificar a sua imagem como de alguém que frequenta esse tipo de evento de forma equilibrada (só em datas comemorativas), para não mostrar ao seu interlocutor uma imagem de alguém "desocupado". Com isso, pode-se perceber que o informante 5 visa construir uma imagem positiva de si mesmo, como é previsto na teoria da polidez de Brown & Levinson.

5.2.5 Formas verbais e pronominais

As formas verbais de tratamento que acompanham as formas pronominais ocupam em nosso corpus, respectivamente, 8,03% e 5,84% das formas de (des)cortesia usadas pelos informantes de Joanópolis. As formas verbais de tratamento podem ser entendidas, tanto no

espanhol quanto no português brasileiro, como formas complexas devido às múltiplas combinações que os falantes podem realizar. Um falante do PB pode, por exemplo, usar os pronomes pessoais de tratamento de 3ª pessoa do singular (nós, a gente) combinado tanto com o verbo ir em 3ª pessoa do singular (vai), tanto com o verbo ir na 3ª pessoa do plural (vamos).

Para a gramática tradicional, não há concordância entre o uso de 3ª pessoa do singular com 3ª pessoa do plural e, portanto, gramaticalmente não é correto. No entanto, deve-se entender que as combinações possíveis na língua que os falantes fazem marcam a identidade das comunidades linguísticas e, portanto, devem ser levadas em consideração. Veja os exemplos 6a, 6b e 6c.

A situação do exemplo 6a ocorre entre as informantes 3 e 12 (irmãs) em um almoço familiar de natal. Devido ao consumo de bebida alcoólica, as informantes discutem sobre quem está mais embriagada.

(6a) I3: Tobia, melhor cê não falar com ela hoje... Deixa pra manhã, hoje ela num tá boa.

I12: Ah... fi quieto, Wanda, que cê tá pior que eu!

A linguagem informal, expressa pelo uso do verbo “estar” na 1ª pessoa do singular e 3ª pessoa do singular na forma reduzida (“tô” e “tá”), condiz com o contexto informal em que ocorre a situação comunicativa. Além disso, o seu uso é uma forma de marcar a proximidade entre os falantes, visto que para marcar distância, os falantes costumam ser mais formais. Pragmaticamente, percebe-se que o verbo “tá”, na fala da informante 3, é usado para expor de forma negativa o estado mental, físico de sua irmã, que foi causado pela embriaguez. O ato de expor o estado de outra pessoa é devido ao nível de confiança que há na relação.

No entanto, percebe-se que para a informante 12, esta exposição é vista como uma ameaça a sua imagem negativa, isto é, a exposição é uma forma de invadir o seu espaço com intromissões. Como reação a esta ameaça, a informante 12 também aponta que a sua irmã está em um estado pior, mas realiza este apontamento com a estratégia mitigadora (“Ah... fi quieto, Wanda, que cê tá pior que eu”). Ao suavizar o discurso, a informante 12 deixa

evidente que pretende de salvaguardar a sua imagem (que está vulnerável) e evitar um possível conflito.

O ato de fala do exemplo 6b ocorre em uma situação entre anfitrião e hóspede. Após o hóspede dizer que se sente cansado, pois viajou 6 horas de ônibus, o informante 6, para ser cooperativo, mantém o assunto, comentando sobre como ele se sente depois de realizar um trajeto que comumente os cidadãos de Joanópolis fazem para cumprir com os deveres religiosos.

(6b) I6: Mai...oia! **A gente vai** pa Aparecida, daqui lá é treizora, de lá pra cá é mai treizora. **Cê chega** aqui sete hora, sete e meia, liga a televisão e já vem o sono. **Cê acorda** assim: Já passo trei pograma, já. Aí, desliga a televisão e vai dormir.

A situação ocorre da seguinte forma: Uma prima do informante 1 fala sobre ter ido a padaria com o filho e a mãe para comer torta e, na dúvida sobre que tipo de torta, o informante 1 realiza o seu ato de fala com uma pergunta.

(6c) I1: Torta... Torta doce, **a senhora** fala?

Os exemplos 6b e 6c mostram que as formas pronominais de tratamento variam na fala dos informantes com propósitos distintos. No exemplo 6b, o informante usa os pronomes pessoais de tratamento de 2ª pessoa do singular na forma reduzida ("cê") e o de 3ª pessoa do plural ("a gente") como formas genéricas que não têm o intuito de somente falar sobre si mesmo, mas sobre qualquer pessoa de Joanópolis que faz o mesmo trajeto.

Já no exemplo 6c, para se referir a sua prima, o informante usa a forma de 2ª pessoa do singular ("senhora"). A forma "senhora", que se enquadra no estudo de Fontanella de Weinberg (1999) nos termos de tratamento "*generales*", cumpre, nesse exemplo, a função de mostrar um tratamento respeitoso ao seu interlocutor.

6. Conclusão

Dentro das reflexões trazidas neste trabalho, que se originam com os trabalhos de autores consagrados da sociopragmática, demonstra-se que o ser humano depende das palavras para construir as relações sociais. Quando os seres sociais entram no jogo da comunicação, as palavras tornam-se apenas pistas para que se desvende o significado. Isso ocorre porque os falantes costumam empregar significados implícitos que fazem com que o ouvinte, para a compreensão do ato de fala, tenha que recorrer ao conhecimento de mundo compartilhado entre eles e levar em consideração em qual contexto foi proferida a palavra.

A inserção de significados implícito no uso das palavras nos leva a entender que o participante não quer apenas ser compreendido, mas também quer garantir que seu território pessoal, o seu papel social, a sua liberdade de expressão sejam respeitados. Para fazer que os seus desejos sejam atendidos na conversação, o participante se vale das estratégias de cortesia. As estratégias de cortesia verbal, desse modo, não têm o objetivo mostrar que o falante é educado, mas sim que todo falante sabe como funciona as relações sociais e quais são as regras que regulam as ações em sociedade.

Visto que todo falante conhece o funcionamento de língua em sociedade, a análise do corpus do presente trabalho se encarregou de examinar a fala dos cidadãos da cidade de Joanópolis a fim de saber o quanto eles se mostram (des)corteses em contexto interacional. Verificamos que nos atos de fala produzidos pelos informantes, há um maior uso de formas nominais de tratamento de primeiro nome (25%) e de parentesco (25%) que evidencia o desejo de manter as imagens dos participantes, que são integrantes de um grupo familiar, em equilíbrio e de respeitar a confiança existente entre eles.

A complexidade existente no tema cortesia verbal é coerente com a complexidade que há nos diferentes tipos de relações sociais. Neste trabalho, nos limitamos a falar sobre o uso da (des)cortesia na relação familiar porque, em um trabalho monográfico, seria impossível investigar e analisar a ocorrência de cortesia nos diversos tipos de relações sociais. Por isso, para dar continuidade ao estudo, se sugere a análise de outros contextos, para verificar se as formas de cortesia se diferem ou não quanto ao tipo de relação em que estão inseridos os participantes da conversação.

7. Bibliografia

ACEVEDO, A. L. **¿De vos, de tú, de usted? Las formas de tratamiento entre los jóvenes guatemaltecos.** In: REBOLLO & LOPES (Orgs.). As formas de tratamento em português e em espanhol. Rio de Janeiro: Eduff, 2011.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer;** [Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho]. -Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

BARBOSA, M.F. S.O. **PRAGMÁTICA: Breves considerações.** IBCTI / UFRJ, 2013.

BRAVO, D. **Panorámica breve acerca del marco teórico y metodológico.** In: BRAVO, D. & BRIZ, A. (Eds.). Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español. 1ª ed.- Barcelona: Ariel lingüística, 2004.

BRIZ, A. **La estrategia atenuadora en la conversación cotidiana española.** In: BRAVO, D (Ed.). Estudios del discurso de cortesía en español. Estocolmo: Programa EDICE, 2003.

BRAVO, D. **Actividades de cortesía, imagen social y contextos socioculturales.** In: BRAVO, D (Ed.). Estudios del discurso de cortesía en español. Estocolmo: Programa EDICE, 2003.

BROWN & LEVINSON. **Politeness: Same universais in language usa.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CHOMSKY, N. **Linguagem e responsabilidade;** [Tradução Mario Leite Fernandes]. - São Paulo: JSN Editora, 2007.

FARACO, C. A. **Norma culta, norma-padrão e norma gramatical. Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 71- 86.

FERNANDES, G. C. R. **Amor e Cortesia na literatura medieval**. Disponível em: https://www.academia.edu/6695898/Amor_e_Cortesia_na_Literatura_Medieval. Acessado em: 01 de maio de 2019.

FRASER, B. **Conversational mitigation**. *Journal of Pragmática* 4, p. 341- 350.

FIORIN, J. L. (Org.). **LINGUÍSTICA? QUE É ISSO?** São Paulo: Contexto, 2013.

FILLMORE, C. J. **Frame semantics**. In: *Linguistics in the Morning Calm*, ed. by The Linguistic Society of Korea. Soeul: Hanshin Publishing Co., 1982.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. **Sistemas pronominales de tratamiento usados en el mundo hispánico**. In: BOSQUE, I; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid: Espasa Calpe Libros, 1999.

GUY, G. R. **A identidade linguística da comunidade de fala: Paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística**; [Tradução Leonardo Z. Maya], 2000.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**; [Tradução Maria Célia Santos Raposo]. 20ª ed. - Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

GRICE, H. P. **Lógica e conversação**. In: DASCAL, M. (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Campinas: s.n., 1982. p. 86-89. 4 v

LAGARES, X. C. **Qual política linguística? Desafios Glotopolíticos Contemporâneos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITÃO DE ALMEIDA, M. L.; PINHEIRO, D.; LEMOS DE SOUZA, J.; NASCIMENTO, M. J. R.; BERNARDO, S. P. **Breve introdução à Linguística Cognitiva**. In: LEITÃO DE ALMEIDA, M. L.; FERREIRA, R. G.; PINHEIRO, D.; LEMOS DE SOUZA, J.;

BERNARDO, S. P. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: morfologia e semântica*. Rio de Janeiro: Publit, 2010.

MAIA, M. **Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área da linguagem**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006, p. 30-31.

MARCONDES, D. de S. F. **A teoria dos atos de fala como concepção pragmática de linguagem**. São Leopoldo/RS: UNISINOS, 2006.

MARTELOTTA, M. E. (Org). **Manual de linguística**. 2ª.ed. - São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINET, A. **Elementos de linguística geral**. 4ª.ed. - Lisboa: Sá da Costa, 1972.

MICHAELIS, dicionário brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cortesia/>

Acessado em: 01 de maio de 2019.

OLZA, J. **Deixis: inquisición ¿pre-gramatical?, ¿pre- lógica?, ¿a-lógica?, sobre el campo demonstrativo**. Caracas: Pascua de resurrección, 2007.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento**. Campinas: Pontes, 2006.

PELOSI, A. C. **Cognição e linguística**. In: PELOSI, A. C; FELTES, H. P. M; FARIAS, E. M. P. (Orgs). *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul/RS: Educs, 2014.

Real Academia española. Disponível em: <https://dle.rae.es/?id=B2VXUtC>. Acessado em: 01 de maio de 2019.

REYES, G. **El abecé de la pragmática**. 9ª ed.- Madrid: Arco libros, 2011.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. [Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein]. 27ª ed.- São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, P. C. G. & SOUSA, A. P. de. **Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural**. São Luís: Revista Educação e Emancipação, v. 10, n. 3, set/dez.2017.

RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (Orgs). **Sociolinguística internacional**. 2ª ed.- São Paulo: Loyola, 2002.

XAVIER, A. C. & CORTEZ, S. (Orgs.). **Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística**. São Paulo: Parábola, 2003.

WITGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**; [Tradução João José R. L. de Almeida]. - São Paulo: Editora Vozes, 2014.

8. Anexo

A seguir, apresenta-se a transcrição dos diálogos analisados, nas 7 conversações gravadas.

- Conversação 1 (13 de Julho de 2018, duração: 43 minutos e 27 segundos)

Informante 1: Torta...Torta doce, a senhora fala?

Informante 2: O Luquinha queria torta, daí levei ele. Daí pegaram os dois, mai eu acho muito enjoativo.

Informante 3: Eu gosto de torta doce.

Informante 1: Quer suco, Maria Antônia, de maracujá?

Informante 2: Suco de maracujá é bom pra acarmá o nervo. Acarma.

Informante 1: Quer pão, tia?

Informante 4: Eu quero um golinho de café.

Informante 3: Tá.

Informante 2: Eu já comi pastel na padaria e tomei um café com leite.

Informante 3: Pastel (*frito*) na padaria?

Informante 2: Pastelzão. Aqueles pastel assado.

Informante 3: Ah... tá. Estranhei “pastel na padaria...”

Informante 4: A garrafa vossa não esfria o café? Oia que beleza, Tonha! Porcaria viu... A minha gela.

Informante 1: Ainda mai com esse tempo aí. Esse tempo qualquer coisinha já congela tudo.

Informante 1: A gente que deu certo (*de vir*)!

Informante 4: A vossa casa é longe da casa dela?

Informante 1: É como se fosse daqui até o pordanalise (*Porto da Análise*). O condomínio ali...

Informante 2: Uns 5 quilômetros.

Informante 1: É, mais o menos uns 5 quilômetros. É que eu moro em Niterói e ela em São Gonçalo, mais é uma cidade bem próxima. Porque logo já pega a BR, ah domingo até que não demora muito, uns 20 minutos porque pega circular, aí não para muito. Agora, em dia de semana chega demorar uma hora, porque pára mai, né! Mas se vai direto é rapidinho... é a distância daqui no pordanalise. Logo entra no primeiro bairro, né?

Informante 2: Cês sai pra passear lá ou não?

Informante 1: Às vezes. As vezes a gente vai no shopping.

Informante 2: Tem shopping perto?

Informante 1: Uhum.

Informante 2: Tenho vontade de conhecer o Rio de Janeiro. Cê num tem Wanda?

Informante 3: Não muito. Antes eu tinha, mai... Acho que eu vou lá em Niterói, antes do Thomas voltar pra cá.

Informante 2: Vai memo,tonta! Aproveita! Né Thomas?

Informante 1: Ah, eu já convidei, mai a mãe não vai. É porque tem o problema dos bichos, né?

Informante 3: É. Num dá para deixar eles aqui, e tem os passarinho agora. E se eu saio, eles ficam de mal comigo.

Informante 4: Nossa! mai se sai pra longe, como fica?

Informante 3: Quando fui pra Aparecida...não, em Tambaú... cheguei aqui, ficou o dia inteiro sem comer. Nem oiô na minha cara.

Informante 2: Mai daí põe o Tobias (*para cuidar dos bichos*)....

Informante 3: O Tobias? Coitado!

Informante 2: Ah, mai cê vai, tonta. O Thomas pretende voltar (*para Joanópolis*) quando?

Informante 3: Quando casar.

Informante 1: Quando casar?

Informante 4: Quando casar você vem morar pra cá? Mai eu sinto falta dele!

Informante 1: (*risos*) É.

Informante 2: Mai, daí a mãe dela vai achar falta dela daí. Aí vai inverter.

Informante 3: Mai ela vai trazer ela pra cá também.

Informante 1: Antes ia daqui pra lá, agora é de lá pra cá.

Informante 1: Lá, a gente vem de lá para cá nas férias, aí a gente inverte, vai daqui para lá. Mai é gostoso, tia. A gente vai no lugar como lá que é o Rio de Janeiro, que é um lugar movimentado, e vem para cá com essa tranquilidade... já o pai dela eu acho que não gostaria.

Informante 3: É que seu pai viaja também, né?

Informante 1: O pai dela num gosta de frio.

Informante 2: Acostumou com lugar quente...

Informante 1: O frio... e o pai dela gosta de ter as coisas pra fazer, não sei. É porque aqui num tem muito.

Informante 3: Oia, se o Thomas casar lá, eu num sei se vou.

Participante 1: Que isso?

Informante 3: Claro que não! E os meus bicho? O Tobias não vai querer ficar aqui.

Informante 2: Ele vai querer ir junto.

Informante 1: Eu não convido o Bi.

Informante 3: Ah! O Tobias, coitado...

Informante 1: Só entra com o convite.

Informante 3: Oia, amanhã tem festa aqui do lado. Aí, ele quer porque quer trazer os amigo(s) dele e eu disse: Tobias, a festa não é minha! (*Tobias disse*) “Ah mãe, mai posso trazer?” Eu disse: Tobias, a festa não é minha. Se quiser, liga pra Lurdinha.

Informante 2: Oh, mai eles fazem (*festa*) todo ano, né?

Informante 3: Eles fazem quadrilha, fazem bingo.

Informante 2: E de comes?

Informante 3: Fazem costela no bafo, vaca tolada, fígado fazem tudo.

Informante 1: A gente tá fazeno jejum a semana inteira por causa disso.

Informante 3: Oia bem na mesa pa vê se eles tão fazeno jejum.

Informante 2: E a Maria, come bem?

Informante 3: Ela não come nada Maria Antonia.

Informante 1: Noi mistura.

Informante 2: A sua mãe deve cozinha muito bem! Cozinha?

Informante 1: Ela fai umas massas muito bom.

Informante 2: Da pra vê, só de olha.

Informante 1: Esses dias ela fez um bife com um molho, tava muito bom, eu até disse procê vê, né amor? Nossa, parece que o bife tem um molho de creme de leite.

Informante 2: Qual molho será? Molho maderá? Ah molho maderá é gostoso.

Informante 1: E fora o feijão preto né? Que lá é só feijão preto! Esse feijão marrom que é o feijão carioca eles num come.

Informante 4: Mentira?

Informante 1: sério. Fejoada tudo dia.

Informante 4: Santo Deus. Oia só!

Informante 3: Ah...fejuada, eu gosto. Eu num gosto do feijão preto puro. Tendeu?

Informante 2: E aqui ela come esse feijão?

Informante 3: É...sim. Come! Não, ela come sim, eu que brinco que ela não come nada. Mai, num come igual a noi, tendeu?

Informante 2: Nói come um prato...

Informante 3: É que ela é chique...

Informante 1: É chique, entendeu?

Informante 3: E o nói não!

Informante 2: Nói faiz aquela mistureba...

Informante 3: Uh... Nói mistura tudo e manda vê! Eu fiz aqui o feijão preto...

Informante 2: Ah, eu como o feijão preto cá farofa e o arroz.

Informante 3: Eu fiz aqui o feijão preto, pergunte po Tobias procê vê!? E fiz o macarrão. Macarrão por causa dele. Ele num comeu. Comeu o feijão preto daí. Eu comi o feijão preto, macarrão, salada de alface... Aí ele falou: É só ocê memo, mãe. Deus o livre!

Informante 2: Ah, o Zé, pai da Micheli, mistura tudo: frango, macarrão, salada, arroz. Uma mistureba! Deus o livre! Que mistureba!. Aí, sabe o que ele fala? Ah, na barriga já vai mistura tudo mesmo. Se for comer, come tudo di vez ...

Informante 1: Já fai digestão tudo numa vez só.

Informante 2: Porque tem alguns que come a salada primeiro. Eu como salada sem comida. Cê come sem? Eu como a salada depois a comida.

Informante 3: Ah, eu já num so muito chegado em salada.

Informante 2: Ah, eu amo! Ah, delícia! Eu gosto de tomate, alface ... Mai tudo quante tipo de legume que cê imagina, eu gosto! Gostu de chuchu, gostu de abrobrinha...

Informante 3: Ah legume, eu gosto! Não, eu gosto de legume.

Informante 2: Onti fui no Nini, tinha chegado, sabe? Tudo verdinho, Ossa! juntava até água na boca. Eu gostu de por limão, sabe, pa fazer salada. Ossa! Fica azedinho. Ossa!

Informante 3: Mai Tonha...

Informante 2: Di vei de ter vontade de comer a carne pindurada no negócio lá, sabe?, quero o legume. Com um feijãozinho da hora... Oia que gostoso! Mai, cê sabe como eu faço o alface? Em casa eu faço frango, mai tudo misturado ali. Frango e couve misturado com legume, brócolis, tomate, cenora... Mais salada assim, eu não como muito.

Informante 3: Cê já fez vagem?

Informante 2: Já! Que nem o pessoal fai salada de berinjela, eu já prefiro a berinjela e faço frito ou a lasanha. Eu gosto! Já comeu a lasanha de berinjela?

Informante 3: Eu já fiz esses dia...

Informante 2: Hum... Nossa senhora! Que delícia!

Informante 1: Mai rapai, porque que foi acaba isso...

Informante 3: Fiz o dia que cê tava conversando com o Thomas, eu disse: tenha dó não Thomas, devia ter chamado a Maria Antônia!

Informante 2: Tenha dó naum Thomas!? Isso aí o Thomas num liga pra mim né??

Informante 1: Quando a mãe me deu só a berinjela frita, eu achei meio amargo. Aí comi assim. Ossa! A mãe tinha feito aqui, eu nunca tinha comido.

Informante 2: Se eu soubesse que tinha feito, eu tinha vindo aqui fia!

Informante 3: Mai eu num fiz da otra vei, depois quando fiz pensei: devia ter chamado a Maria Antônia! Então, eu fiz, depoi cubri com a carne moída.
Tia dita: eu nunca comi!

Informante 1: A mãe tem que fazer pa tia, ela nunca comeu.

Informante 2: Mai o certo é a gente compra pra sua mãe fazer! O que tanto ela usa?

Informante 1: Ela usou a berinjela, mussarela, presunto e carne moída. Mai aquele dia que ela fei, eu num sabia que ela ia fazer. Aí meu primo Kauan tava aqui. Aí, ela Fez. Deu a berinjela frita pra gente comer. A hora que ela chego com a lasanha ...Mai pensa num negócio gostoso! E num fica enjoativo, né?

Informante 2: Mai, vamo faze comunitário. Aí, nói trai as coisa.

Informante 1: Aham.

Informante 2: mai oh! Tem que ser assim, nói assamo carne na tia Renata no sábado. Mai, fizemo comunitário. Cada um deu um Kilo de carne, otro deu a salada...

Informante 4: Comemu carne o dinteiro. Nossa!

Informante 2: Oh, tava uma delícia. Compramo aquela panceta, linguiça, mai oh...

Informante 4: Levei coxinha, mai eu adoro coxinha! E levei um repolio, né Tonha?

Informante 2: E repolho tamem. Uh! Mai tava gostoso!

Informante 1: O bom que saí barato!

Informante 2: Num aperta pa ninguém. Eu tava falando com a Renata sobre a Wanda... O que nói vamo faze de novo pra comer dessa vei?

Informante 1: Seria bom faze o feijão tropeiro e essa lasanha aí... Essa lasanha ficou bom né amor?!

Informante 2: Mai, domingo cês vão viajar, num vai?

Informante 1: Vamos, mai num sei se é nesse ou nu otro.

Informante 2: Mai, cês num vão pa Monte verde?

Informante 1: Eu acho que sim, então.

Informante 4: Domingo?

Informante 1: É! Mai, eu preciso confirmar com ele, porque eu num consegui falar com ele essa semana!

Informante 2: Mai, ele num alugou uma van? Parece...Quem tanto vai?

Informante 1: Ah, vai nós aqui: o bi, a Sandra, a maninha, os parentes da Sandra, a Jaqueline com a Maria Vitória. Não sei se vai mai gente. O pai falou que ia nós da casa e eles lá. Si a dona Eliane for vir dia 20, nói vamo semana que vem.

Informante 2: Mai então cês vão esperar ela vim primeiro pa depois ir pra Monte verde?

Informante 1: Exato.

Informante 2: Ah, mai então, esse domingo cês não vai fazer nada!

Informante 1: É, eu num sei. A Sandra tava falando que ia pa poços de Caldas. Mai, eles querem ir pa poços de Calda amanhã, eu acho!

Informante 2: Mai, Poços de Caldas tem que ir prum final de semana. É longe.

Informante 1: É, eles iam ficar. Mai eu num sei, eu não consegui falar com o pai até hoje. Última vez que falei com ele foi no domingo a noite!

Informante 2: Quem foi buscar vocês em São Paulo?

Informante 1: Não, a gente veio de ônibus.

Informante 2: Aí, cê veio até Atibaia. Ou não?

Informante 1: Não, vim pra Atibaia, depois peguei um circular pra Piracaia e depois viemos de táxi.

Informante 2: Pegaram táxi?! Mai, o táxi cobra caro. Quanto cobra o táxi pra vim pra cá?

Informante 1: Ele tinha cobrado 100 reais. Aí eu conhecia ele, o cara é meu amigo, aí fez por 70.

Informante 4: Nossa! 70 reais?

Informante 2: Mai num tinha horário de ônibus pra vir pra cá?

Informante 1: A gente chego muito cedo, a gente chegou era 8 hora e o ônibus era só onze meia.

Informante 2: Mai, aí ligasse que alguém ia buscar. Tio Oswaldo...

Informante 1: Ah tentei falar com pai mai num consegui. Ah oh porque a gente sai de lá cansado, saí de lá onze hora e chega aqui de manhã, cê tá quebrado.

Informante 2: Mai num dorme no ônibus?

Informante 1: Ah, muito difícil. Ainda mais eu que sou grande.

Informante 4: Nossa! Mai como é longe o Rio, não?

Informante 2: E para em algum lugar?

Informante 1: Para em Resende. Em Resende, ele para 30 minuto. Mai cê num dorme, cochila, mai num dá.

Informante 2: Mai deixa eu falar procê! Da rodoviária pa casa dela é longe?

Informante 1: Ah, eu moro em frente a rodoviária

Informante 2: Oia...

Informante 1: Pego uma rua e já...

Informante 4: Cê num tem medo, é?

Informante 1: Não! Mai também cê num pode abusar né? Andar até tarde na rua. Saber com quem anda né? Tudo isso. Mas, eu num tenho não!

Informante 2: É.

- Conversação 2 (22 de dezembro de 2018, duração: 20 minutos e 46 segundos)

Informante 6: Em São Simão, lá tá feio tamem!

Informante 3: Em São Simão é onde a Benta mora, num é?

Informante 6: Onde a Benta mora... Lá ele falo que aqui ainda bate esse ventinho, lá é quele quente parado.

Informante 1: Mormaço, né?

Informante 6: Montanha num tem nada! Num é igual o vale do Paraíba.

Informante 1: Mas lá, tio, lá faz muito calor. Teve um acontecimento em Macaé que até disfez a caixa d'água.

Informante 6: Ah...mostro na televisão.Mostro ali ontem!

Informante 1: A caixa d'água?

Informante 6: A caixa d'água torta assim!

Informante 3: Aonde?

Informante 6: Nu Rio...

Informante 3: Por que?

Informante 6: Num guento a caloria, derreteu a caixa d'água.

Informante 1: Num sei se foi Macaé ou Magé...

Informante 6: Em São Simão, lá tá feiu tamem!

Informante 3: Em São Simão é onde a Benta mora num é?

Informante 6: Onde a Benta mora...Lá ele falo que aqui ainda bate esse ventinho, lá é quele quente parado.

Informante 1: Mormaço né?

Informante 6: Montanha num tem nada!Num é igual vale do Paraíba.

Informante 1: Mas lá tiu, lá faz muito calor. Teve um acontecimento em Macaé que até disfez a caixa d'água.

Informante 6: Ah, mostro na televisão. Mostro ali ontem!

Informante 1: A caixa d'água?

Informante 6: Caixa d'águaaa torta assim!

Informante 3: Aonde?

Informante 6: Nu Rio...

Informante 3: Por que?

Informante 6: Num guento a caloria, derreteu a caixa d'água.

Informante 1: Num sei se foi Macaé ou Magé...

Informante 3: Oia, eu achei que eles nem vinha hoje, chego hoje, cansado...

Informante 6: A hora que deita pa pum, vai acordar mei dia amanhã!

Informante 1: Nossa...

Informante 6: A hora que deita vai acorda mei dia amanhã.

Informante 1: Ah, dorme. Pó cair pancadão de chuva que ...

Informante 3: Mai oia pa cara da Maria, ta co zóio parado...

Informante 1: Tadinha...

Informante 6: Mai...oia! A gente vai pa Parecida, daqui lá é treizora, de lá pra cá é mai treizora. Cê chega aqui sete hora, sete meia, liga a televisão e já vem o sono. Cê acorda assim: Já passo trei pograma, já. Aí desliga a televisão e vai dormir.

Informante 1: O senhor já foi pa Parecida desde quando tá morano aqui?

Informante 6: Já!

Informante 1: Mai e pá subir esse morro na volta?

Informante 6: Oh, mai depoi que subi esse morro, abra porta, entra e sento aqui. É só tempo di levanta e toma banho, que ...

Informante 3: Quando vou pra lá tamem, chego na casa muido... E, na Parecida eu já acho um calor, imagina o Rio de janeiro?

Informante 6: Mai pro cês agora aqui, ta uma temperatura boa?

Elaine: Ah, ta fresco.

Informante 1: Mai, pra ela tá fresco! Pra gente tá calor, que nem...

Informante 3: Tá! Claro que tá calor!

Informante 1: Ta calor pra gente.

Elaine: Não, ta frio.

Informante 1: mas, tá calor!

Informante 6: Ih, ela trouxe a brusa ainda...

Informante 3: Ta certo ela! Mai cê eu conta procê, cê não acredita. Esses dia atrai, teve bingo na escola, fai uns quinze dia acho, não fai Zé Elia?

Informante 6: Fai uns quinze dia, era pra eu ir mai num, num fui.

Informante 3: Tava um friu de bater o quexo. Parecia o friu do mês de junho. E eu fui , fui na missa e da missa no bingo , cá minha camisa manga cumprida jeans, sabe? Ah num vai isfria! Ossa sinhora! Zé Elia, quase caí de friu aquele dia. Aí o Kaique pergunto: tia quer que vá buscar brusa pro cê!? Aí eu falei: Não Kaique, já vô descer embora! Era duas hora da manhã, aí comecei andar e num fui pegar nada! A Fátima tava batendo o quexo com duas brusa...

Elaine: Que isso!

Informante 1: Caraca!

Informante 3: Quinze dia atrais, i ó u calor que tá agora!?

Informante 1: Quinze dia! É porque qui, tipo pra gente tá calor, mas pra eles lá taria frio?!

Elaine: Estaria fresco!

Informante 1: Fresco?

Elaine: Uhum.

Informante 3: Eu acho que pela época, é época de chuva né Zé Elia, num é tanto esse calor!
O calor aqui o máximo é trinta grau...

Informante 6: Agora que tem a tendência de esquentar mai...

Informante 1: Mai pelo menos dá aquela pancada de chuva de verão né?

Informante 6: É! Que nem tá dando agora!

- Conversação 3 (22 de dezembro de 2018, duração: 6 minutos e 29 segundos)

Informante 5: Vai amanhã pra poços de Caldas com ele?

Informante 1: Acho que a gente não vai, né amor?

Informante 5: Por que?

Informante 1: Ah, é cansativo, Bi!

Informante 5: Ah, é cansativo, mai... Ah, vai!

Informante 1: E outro, o pai, eu tava conversando com ele, ele vai voltar só na quarta. A gente vai ter que pegar ônibus, tipo...

Informante 8: Mais viagem!

Informante 1: Mais viagem. Aí, achamos melhor a gente não ir!

Informante 5: E por que vocês não ficam lá até quarta?

Informante 1: Não, tenho que trabalhar quarta feira. Mai eu tenho que trabalhar na quarta feira.

Informante 1: Na verdade se eu pudesse pegar 10 dia no meu trabalho, seria bom porque voltava na quinta, na quarta e passava o ano novo com a minha mãe.

Informante 5: É! Ano novo cês vão passar pra cá?

Informante 1: Acho que não

Informante 15: Você não conseguiu, né?!

Informante 1: Não sei se vamos conseguir vir. E pra ir e voltar é ruim.

Informante 5: Né? Bom se fosse uma semana, né?

Informante 1:Nossa! Querendo ou não...

Informante 5: Saudade da minha cama! Ah!

Informante 1: E amanhã cê vai fazer o que?

Informante 5: Nada combinado ainda... Cês vão no tio Zé Lias?

Informante 1: Será que vai ter asa de frango lá?

Informante 5: Que? Casa de frango?

Informante 15: Asa de frango.

Informante 5: Não sei, Tho. O que cês compraram?

Informante 1: A mãe compro costela. Ponta de peito.

Informante 5: Nossa, vo aproveitar pra fazer um estoque de comida.

Informante 1: Por que ? Onde cê vai?

Informante 5: Em Piracaia.

Informante 1: Fazer o que lá?

Informante 5: No Santa Áurea. É balada lá, uma casa de show.

Informante 1: Ah!

Informante 5: Daí, hoje é encerramento do ano, com música sertaneja parece.

Informante 1: Aí, você volta amanhã só? E o gato?

Informante 5: Ah, eu fecho a janela. O Max tá lá e ponho ele, ele deita. O Max vai dormir.

Elaine: Você não sente sono?

Informante 5: Não , agora eu tô sentindo, mas de noite ... Depois cê tá lá, ta tudo tututututu ta mó...

Elaine: Lá é o que? Só música...

Informante 5: Tem música, tem bebida, tem luzes pa tudo quanto é lado, tem pessoas dançando. É isso.

Informante 1: Imagina a gente, vira noite ...

Elaine: Não sei se eu consigo um troço desse.

Informante 5: Por que? Lá tem os amigos, cê conversa, cê dança, vai até o chão e tutituti. Ah, é assim ...Mas dá pra todo mundo curtir, é um ambiente descontraído, sabe? É um ambiente mais animadinho.

Elaine: Você vai sempre ?

Informante 5: Vou bem de vez em quando só, mas sou bem preguiçoso pra balada

Informante 1: Ata!

Informante 5: Acho que a última vez que fui pra balada, sem ser hoje, ah foi lá nas férias de julho em São Paulo.

Informante 1: E você, não quis ir com o pai por causa disso?

Informante 5: Não, eu queria ir hoje e voltar hoje mesmo e o pai quer ir pra ficar, e eu falei: Ah! Pai, pra ficar, eu não quero não...

Informante 1: O Bi afim de um bate vorta e o pai querendo fazer um tour de cinco dias. Um tour de cinco dias e você...

Informante 5: Ah, o pai querendo um tour de cinco dias e eu faze um bate e volta no memo dia...

Informante 1: Tá certo, uai.

Informante 5: Ai gente, que sono!

Informante 1: Ih...Desse jeito, vai dormir!

Informante 5: Uma vez fui numa balada, tinha 18 anos, lá em São Paulo, mó tutituti senti no chão e durmi na frente de todo mundo. Aí que vergonha!

Informante 1: No chão?

Informante 5: É, que lá tinha um bar, numa mesa quadrada, como se fosse esse canto aqui. E tinha o bar, e nos cantos onde eu estava sentado sabe, tinha um ... Aquele negócio pro pessoal segurar, sabe? Uma barra de ferro, sabe? Eu sentei debaixo de uma sabe, tinha um monte de gente sentado comigo, quando acordei não tinha ninguém sentado do meu lado. 'Meu Deus do céu, e tô em São Paulo ainda!'

Informante 1: E não foi assaltado?

Informante 5: Não me sequestraram, ah oh eu, não me roubaram.

Informante 5: Eu não sabia nem como voltava pra casa.

Informante 1: Tá maluco.

- Conversação 4 (24 de dezembro de 2018, duração: 2 minutos e 49 segundos)

Informante 3: Vitor foi passeia?

Informante 7: Ele foi passeia ca namorada...

Informante 3: Ah, eu pensei que ele ia passa o natal cá família dela.

Informante 7: Não, ele não sabia se ia, mas daí foi pra lá... Viu Thomas? Tá por pouco do cê volta pra cá!? Eu acredito né, num sei...

Informante 1: Ah, tá, né tio!?

Informante 7: Ah, aquele Rio de Janeiro... Pelamor de Deus! Ah, oia! Papo deiz , papo dei.

Informante 1: Papo deiz, papo de carioca.

Informante 7: Aquilo que a gente vê lá, isso não é vida lá hein. Ossa mãe! Wanda, se for que mostra na televisão. Wanda, jamais moraria no Rio di Janeiro, nem passearia nu Rio di Janeiro...

Informante 17: Papai, para de fala. Oh pai! Oia pa frente! Oia pa frente!

Informante 17: Wanda, essa semana ela falou sabe o que?! Papai, esse seu carro é mai forte ou mai fraco? Aí, eu falei: As duas coisa. Ah, já sei! Ela tá tentando entender o que é um câmbio du carro. Oh! tem cincü aninho. Aí, a segunda moto du Vitor, vai se dela, Wanda. E vo pintar a moto de rosa, Wanda.

Informante 3: É, princesa?!

- Conversação 5 (25 de dezembro de 2018, duração: 17 minutos e 34 segundos)

Informante 3: Tobia, melhor cê não fala com ela hoje.... Deixa pra amanhã, hoje ela num tá boa...

Informante 12 Ah, fi queito Wanda, que cê ta pior que eu.

Informante 3: Eu num tô boa, mai ela tá pior que eu... Claro que tá, tá pior que eu.

Informante 11: Uma falando que tá pior cá outra.

Informante 9: Oh, presta tenção! No Natal do ano que vem vamo brincar de amigo secreto? Cês vai vir nu Natal do ano que vem?

Informante 3: Ano que vem?

Informante 9: É.

Informante 3: A meta dele é até julho... Agosto mai tardar já tem que tá morando aqui!

Informante 9: Grossa.

Informante 12 Nojenta.

Informante 3: Tira criançada, cê não o vô não tira... Quer cá tia põe pô cê, Gi?

Informante 11: Não, não precisa.

Informante 5: Gi , cê comi só isso?!

Informante 11: Aham, senão eu não como na casa da vó, depois...

Informante 12: Não, mai sobra um espacinho nu estômago.

Informante 3: Para de falar, Dete! Vem come!

Informante 9: Cê lembra quandu no ano novo que junto todos os primo, pra brincar se esconde esconde, junto eu , João, Kaique, Kauan, o Tobias e o Thomas i eu, pra brincar... É só eu a única menina né?! de esconde esconde no quarterão, lembra?

Informante 1: É.

Informante 9: E todo mundo deixava eu pa trás, eles eram moleques, conseguiam correr né e eu não, eu ficava correno que nem tonto...

Informante 12: É que aqui todo mundo fala alto...

Informante 3: Não pó da bola que aqui a Dete conversa um assunto cá Jéssica, eu converso com a Lariane, Jéssica conversa com ela, e assim vai ...

Informante 9: Oh bi, cê lembra de quando juntou todos os primos e eu, a única menina era eu e tava brincano de bola?! E lembra quando nois tudo brincava de esconde- esconde no quarterão?!

Informante 5: Aqui, uhum.

Informante 11: Eu nunca ia pegar ninguém...

Informante 5: O João é do tamanho de nós, não é?

Informante 12: Não. O João é menor que o Kauan. Poca coisa... Não, o Kaique cresceu mai...

Informante 1: Eu sou menor que a Beli.

Informante 10: Eu tô do tamanho do Giovanni! E o Giovanni é mais velho que eu!

Informante 1: ih, Gi!!!Ta ficano pa trai ein, Gi...

Informante 3: A Maria é igual nói memo.

Informante 12: Por isso que to perguntano se pode pagar direto na panela.

Informante 3: A Maria é igual nói memo! Maria é mais minha filha do que a minha nora!

Informante 1: O loco! Que isso! Vou casar com minha irmã.

Informante 12: Tho, se fosse eu não dexo não...

Informante 1: Vou casar cá minha irmã.

Informante 9: Entre vocês é tudu homem né? Tem o cês duas só... Ossa! Verdade! As mulher teve home e os homem tudu mulher!

Informante 1: Como assim os homem teve mulher?

Informante 9: Não! O pai teve eu e o tio Célio teve a Gianni, as duas mulher teve vocês...

Informante 1: É, mai o tio Zé Elias que teve homem!

Informante 9: Mai do tio Zé Elias faleceu!

Informante 1: Mai era pra ser homem! Mas tirando ele... As mulheres teve homem e os homem teve mulher.

- Conversação 6 (25 de dezembro de 2018, duração: 1 minuto)

Informante 14: Ela é linda.

Informante 5: Ela é linda, né?

Informante 14: Ela é linda e é simpática. Tem gente que é bonita, mas não tem simpatia nenhuma, né? Ela é as duas coisas: Ela é linda e é simpática. Muito linda!

Informante 1: Ela é educada...

Informante 14: Você ganhou na loteria. Ela é muito linda

Informante 13: Ela é muito boazinha, ela é gente fina. Ela só ri, Landa. Ela só ri. Como você vai falar mal de uma pessoa que só ri?

- Conversação 7 (25 de dezembro de 2018, duração: 16 minutos)

Informante 16: Não vo almoçar aqui, não. Vou almoçar na vó, num aguento não.

Informante 5: Ah, Jéssica! Vai bancar a santa da dieta agora?!

Informante 3: O problema seu é a calça cós baixo, num é a cumida...

Informante 16: Mai, num guento come.

Informante 5: Jéssica, previsão de volta pra Joanópolis quando?

Informante 16: Então...

Informante 5: Sem ser natal du ano qui vem!

Informante 3: Ela tem que vir logo, que a mãe dela quer comer feijão co couve...

Informante 5: Dúvido, que ela vai largar o namorado dela pa ficar de rolezinho aqui cá gente!

Informante 3: Ué, trai o namorado dela é.

Informante 16: É, ué.

Informante 16: Quando cê vai, Tho? Hoje?

Informante 1: Amanhã 6:30, pa chega de manhã cedo e ir travaia.

Informante 16: Misericórdia! Cê vai pa SP ou cê vai pega ônibus direto?

Informante 1: Vo pegar pra SP, de SP direto pa Niterói!

Informante 16: Ah, tem pra Niterói. Eu achei que tivesse que pagar otro ônibus pra Niterói!?

Informante 1: Tem prus doi, tanto pro Rio quanto pra Niterói!

Informante 16: Ah, eu achei que tivesse que ir pro Rio e pegar otro pra Niterói!

Informante 1: Não, não. Caso não tiver pra Niterói, que a quantidade de ônibus é menor, eu pego po Rio, que a quantidade de ônibus é maior!

Mas sempre tem direto pra Niterói.

Informante 16: Quanto tempo é do Rio pra Niterói?

Informante 1: Du Rio pa Niterói?

Informante 16: É!

Informante 1: Uma hora maizomeno di ponte , pra Niterói!
Si num pegar trânsito né, rsrs si pegar trânsito até quatro hora rsrs
Mais é bom. Melhor viajar de noite do que de tarde!

Informante 3: Ah, mai é ruim né, se chega lá vai direto pô trabalho!

Informante 16: É, se vai pegar leito ou comum mesmo?

Informante 1: Ah, a gente agora não compro. Mas a gente veiu de semi leito! Aahh, pra mim que so grande rs , senão não dá nem pa esticar as perna.

Informante 16: Ah, num é nem questão de ser grande, você passar uma viagem inteira assim oh! É muito ruim.

Informante 1: É muito ruim!

Informante 16: Mais de 24 hora...

Informante 1: Ela viajou comigo, veiu pra cá e ainda tava com dor ela! Porque deu um mal jeito aqui no pescoço dela, aí ela... Coitada, além de ta nu ônibus, ainda tava toda dura!

Informante 16: Ah, eu pra vim de São Paulo, já vim batendo a cabeça no vidro, que cê fica ...

Informante 12: Ô Jessica! O Kauan, antes de batizar, ele foi comigo pa parecida. Ossa! Ele viro direto! Ele não dormiu, não conseguia durmi , porque não achava posição prele ficar.

Informante 3: Mas é que eles são alto! O Kauan, o Thomas são tudo alto...O Tobia... tudo alto.